



**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Cel Inf MARCELO BENTO PIRES

**Estado Islâmico: características,
estratégias para combatê-lo e seus reflexos na
doutrina de emprego da Força Terrestre.**



Rio de Janeiro

2016



Cel Inf MARCELO BENTO **PIRES**

**Estado Islâmico: características,
estratégias para combatê-lo e seus reflexos na
doutrina de emprego da Força Terrestre.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração do Exército.

Orientador: Cel R1 JOSÉ **LUCAS** DE SILVA

Rio de Janeiro

2016

P667e Pires, Marcelo Bento

/ Marcelo Bento Pires. - 2016.

50 f. ; 30 cm.

Orientação: José Lucas de Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Política, Estratégia e Alta Administração do Exército) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2016.

Bibliografia: f. 51 - 54.

1. Estado Islâmico 2. CARACTERÍSTICAS. 3. ESTRATÉGIAS. 4. DOCTRINA. 5. FORÇA TERRESTRE. I. Título.

CDD 320.10297

Cel Inf MARCELO BENTO PIRES

**Estado Islâmico: características,
estratégias para combatê-lo e seus reflexos na doutrina de
emprego da Força Terrestre.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração do Exército.

Aprovado em de de 2016.

COMISSÃO AVALIADORA

José Lucas de Silva – Cel Art R/1 – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Ivan Teixeira de Assis – Cel Art / R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

José Heleno Zangali Vargas – Cel Com / R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RESUMO

O surgimento do Estado Islâmico, como um novo grupo jihadista no Iraque e na Síria, executando atos de brutalidade e de extrema violência, que não disseminados ao redor do mundo por meio de produções midiáticas profissionais e seu conseqüente apelo, conseguiu mobilizar indivíduos e grupos para participarem dos terríveis ataques que aterrorizam grande parte da opinião pública mundial. O risco de ataques no Ocidente tem aumentado devido ao fenômeno do retorno de radicais aos seus países de origem, após o período de treinamento e de experiência nos campos de batalha jihadista, bem como devido aos indivíduos e pequenos grupos que estão sendo radicalizados em seus próprios países pela propaganda extremista motivacional transmitida pela mídia onipresente. Enquanto o Brasil não é um alvo direto de ataques de extremistas religiosos, como aqueles países que já declaram guerra ao Estado Islâmico, como Inglaterra, França, Rússia e os Estados Unidos, etc, nos últimos anos, o País permanece sob ameaça, na medida em que sedia grandes eventos mundiais, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. Atualmente, é consenso entre especialistas de segurança que indivíduos (*lone wolves*) e pequenos grupos radicais organizados por nativos ou estrangeiros (*foreign fighters*) representam a maior ameaça aos grandes eventos esportivos mundiais. No seu conjunto, os desafios que enfrentam as autoridades de segurança no Brasil tornam-se ainda mais complexos à medida que o número de ataques terroristas aumentam demasiadamente às vésperas dos Jogos Olímpicos no Brasil. Isso é verdadeiro para o Sistema de Defesa Brasileiro, fazendo parte deste sistema a Força Terrestre, que poderá colocar em prática sua doutrina de emprego ao defrontar-se com a ameaça extremista religiosa. Nesse cenário o Exército Brasileiro tem um papel relevante, em função da sua força, suas missões constitucionais e de sua liderança na defesa da Pátria.

Palavras-chave: Estado Islâmico - Características - Estratégias de combate – Doutrina - Força Terrestre.

ABSTRACT

The emergence of the Islamic State, as a new jihadist group in Iraq and Syria, performing acts of brutality and extreme violence, spread around the world through professional media productions and the consequent appeal succeeded in mobilizing individuals and groups to participate in terrible attacks that terrorize public opinion of the world. The risk of attacks in the West has increased due to return of the phenomenon of radicalism to their home after the training and experience in jihadist battlefields, as well as due to individuals and small groups who are being radicalized in their own countries by motivational extremist propaganda transmitted by the omnipresent media. While Brazil is not a direct target of religious extremists attacks, as those countries that have declared war on the Islamic State, like England, France, Russia and the United States, etc., in recent years, our country remains under threat, as hosts of major world events such as World Cup Soccer and the Olympics Games. Currently, it is consensus among security experts that individuals (lone wolves) and small radical groups organized by natives or foreigners (foreign fighters) pose the greatest threat to the world's great sporting events. On the whole, the challenges facing the security authorities in Brazil become even more complex as the number of terrorist attacks increase a lot on the eve of the Olympic Games in our country. This is true for the Brazilian Defense System, and as part of this system, the Land Force of Brazilian Army, which could put into practice their employment doctrine when faced with religious extremist threat. In this scenario the Brazilian Army has an important role, depending on its strength, its constitutional missions and own leadership in defense of our nation.

Keywords: Islamic State; Characteristics; Strategies of Combat ; Army Doctrine;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Continuidade dos conflitos	36
Figura 02 – Aproximação Integrada.....	37

LISTA DE SIGLAS DE ABREVIATURAS

CS/NU	- Conselho de Segurança das Nações Unidas
COpEsp	- Comando de Operações Especiais
DAT	- Departamento de Antiterrorismo
DCT	- Departamento de Contraterrorismo
DH	- Direitos Humanos
DICA	- Direito Internacional dos Conflitos Armados
DIH	- Direito Internacional Humanitário
DMD	- Doutrina Militar de Defesa
DPF	- Departamento de Polícia Federal
EMD	- Estratégia Militar de Defesa
FOPEsp	- Forças de Operações Especiais
FT	- Força Terrestre
GLO	- Garantia da Lei e da Ordem
ISIL	- Islamic State of Iraq and Levant
IRA	- Irish Republican Army
ONU	- Organização das Nações Unidas
OSCE	- Organização para Segurança e Cooperação Europeia
OTAN	- Organização do Tratado do Atlântico Norte
PDN	- Política Nacional de Defesa
QBRN	- Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
SISBIN	- Sistema Brasileiro de Inteligência
SIEx	- Sistema de Inteligência do Exército
TTSRL	- Transnational Terrorism Security and the Rule of Law
UE	- União Europeia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	12
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	12
2.2	COLETA DE DADOS.....	12
2.3	TRATAMENTO DOS DADOS.....	12
2.4	LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	12
3	Estado Islâmico	13
3.1	ORIGENS.....	13
3.2	CARACTERÍSTICAS DO PERFIL CULTURAL EXTREMISTA	14
3.3	AS CARACTERÍSTICAS DA IDEOLOGIA RELIGIOSA EXTREMISTA	17
3.4	LOBO SOLITÁRIO	20
3.5	GUERREIROS ESTRANGEIROS (<i>FOREIGN FIGHTERS</i>)	24
3.6	<i>MODUS OPERANDIS</i> TERRORISTA	27
4	ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO TERRORISMO	31
4.1	PRESSUPOSTOS.....	31
4.2	ESTRATÉGIA MILITAR DOS EUA PARA COMBATE AO TERRORISMO	35
4.3	ESTRATÉGIA DA OTAN PARA COMBATE AO TERRORISMO	38
4.4	ESTRATÉGIA DO REINO UNIDO PARA COMBATE AO TERRORISMO	40
5	DOCTRINA MILITAR TERRESTRE E O COMBATE AO TERRORISMO	44
6	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1 INTRODUÇÃO

Neste início de século a complexidade e a rápida mudança caracterizam o ambiente estratégico, impulsionado pela globalização, a difusão da tecnologia e mudanças demográficas. A globalização está afetando quase todos os aspectos da atividade humana. As pessoas, produtos e informações estão fluindo através das fronteiras na velocidade em volume sem precedentes, atuando como catalisadores para o desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, aumentando as tensões sociais, a competição por recursos, e a instabilidade política.

No centro da Globalização está a difusão de novas tecnologias que permitem uma abordagem global do ambiente informacional e a capacitação das pessoas para ver mais, compartilhar mais, criar mais e organizar mais rápido do que nunca.

Indivíduos e grupos hoje têm acesso a mais informações de governos inteiros, como nunca antes. Eles podem rapidamente organizar e agir sobre o que eles aprendem, levando por vezes à mudança violenta. Unidos, por sua vez, estão usando o compartilhamento de informações para desenvolver avançadas capacidades próprias.

Estas mudanças são amplificadas por mudanças demográficas. Populações jovens crescem rapidamente na África e no Oriente Médio, regiões que sofreram com a escassez de recursos, enfrentando dificuldades econômicas e fissuras sociais profundas. Enquanto isso, as populações na Europa e em todo o norte da Ásia deverão diminuir e ficar mais velhas. Em todo o mundo, milhões de pessoas estão fluindo do campo para as cidades em busca de trabalho, ficando expostas às diferenças culturais, alienação e doenças. Eles, também, estão se movendo para além das fronteiras e dos mares em número crescente.

Apesar dessas mudanças, os Estados permanecem atores dominantes do sistema internacional. Eles são predominantes na sua capacidade de aproveitar a energia dos esforços humanos e fornecer sua necessária segurança. A maioria dos estados hoje - liderados pelos Estados Unidos, seus aliados e parceiros - apoiam instituições estabelecidas e processos dedicados à prevenção de conflitos, respeitando a soberania, e promovendo os direitos humanos. Alguns estados, no entanto, estão a tentar rever os principais aspectos do ordem internacional e estão agindo de uma forma que ameaçam a segurança internacional.

Concomitantemente com desafios estatais, organizações extremistas violentas estão trabalhando para minar a segurança transregional. Tais grupos são dedicados a radicalizar populações, espalhando violência e terror para impor suas visões de organização social. Esses grupos são mais fortes que muitos governos, explorando a sociedade civil presas nesses Estados frágeis ou fracassados.

Em muitos locais, essas organizações extremistas violentas coexistem com organizações criminosas transnacionais, com as quais realizam o comércio ilícito e ampliam a corrupção, minando ainda mais a segurança e a estabilidade.

Neste complexo ambiente de segurança estratégica, os Estados não têm a facilidade e o luxo de concentrar-se apenas em um desafio. Eles devem estar em condições de antecipar-se a esses desafios ou mesmo preparar-se para seu enfrentamento.

A motivação chave para indivíduos e grupos extremistas violentos é o descontentamento alimentado pelas condições políticas, sociais, econômicas ou étnicas gerais em um país ou região em particular. No caso de terrorismo de base religiosa, o processo de secularização nas sociedades modernas, em particular, é um terreno fértil para o surgimento de pontos de vista terroristas nos indivíduos e, conseqüentemente, para o surgimento de grupos e organizações terroristas. Além disso, pertencer a um determinado grupo étnico ou grupos organizados por objetivos políticos ou ideológicos, por exemplo, pode desencadear a prática de atos violentos, a fim de atingir as metas decorrentes de tais fatores.

Secularização significa tanto a erosão completa da religião na sociedade ou a mudança das convicções religiosas da arena pública social ou política para o reino de opiniões individuais e, portanto, na esfera privada.

Fundamentalistas religiosos não aceitam esta mudança. O fundamentalismo pode culminar com o terrorismo, ou seja, levar à ameaça ou ao uso da violência para assustar a população ou para chantagear estados, visando frear essas mudanças. Esta ameaça ou uso da violência destina-se a dar força às demandas e garante que essas demandas e os atores por trás delas recebam atenção da mídia e, portanto, também do público.

O Islã é a religião do povo muçulmano, muito parecido com o cristianismo que é a religião da maioria dos ocidentais. O Islã é muito mais do que uma religião para seus seguidores. É uma fé que dá estrutura para o modelo da maneira correta de conduzir a própria vida, e com ele vem a obrigação moral de levar uma vida de

acordo com a sua escritura. Essa escritura orientadora, a Sharia, é a lei islâmica e os seus adeptos devem seguir os seus princípios. Como Moaddel (2002) escreve, enquanto várias características de tradição islâmica são utilizadas para explicar o surgimento de regimes autoritários, o fracasso da democracia no mundo muçulmano é atribuída ao Islã, em razão de sua inadequação na área dos direitos individuais

Além disso, Moaddel (2002) observa que o fundamentalismo islâmico é inspirado pela crença de que o Islã, é um modo de vida completo, englobando tanto religião e política, é capaz de oferecer uma alternativa viável para as ideologias seculares prevalentes do capitalismo e do socialismo e que ele está destinado a desempenhar um papel importante na reconstrução do mundo contemporâneo.

Para o melhor entendimento da motivação ideológica fundamentalista islâmica seguem algumas definições e entendimentos importantes apresentadas e coletadas por alguns estudiosos.

“ Extremistas islâmicos também são muitas vezes referidos como políticos radicais e jihadistas. Embora os termos são muitas vezes usados como sinônimos, os objetivos de tais indivíduos são distintos e origens diversas, embora suas ações e métodos são singularmente categorizados como "extremistas".(PREBBLE, 2014)

“ Políticos radicais como os muçulmanos que começaram a ver a integração na sociedade como um aspecto negativo da vida em Estados seculares liberais, considerada por alguns como contraditória com a vida de "um bom muçulmano". Além disso, ele observa que esses muçulmanos têm experiências negativas dentro do sistema, deixando-os com uma sensação de deslocamento e alienação, percebida ou real. Por sua vez, eles estão motivados a buscar a resolução de questões muçulmanas tanto em seus países como no exterior [..]. muitas vezes resultando na realização de terríveis atos de violência que envolvem invariavelmente sua própria aniquilação e em grande parte feita por outros muçulmanos.” (ABBAS, 2007).

O Dicionário Oxford define Jihad no Islã como a luta espiritual dentro de si mesmo contra o pecado.

Gorka (2009) descreve a Jihad como consistindo de quatro variedades de atividade humana acordada entre teólogos e juristas islâmicos: jihad do coração, jihad da mente, jihad da língua e jihad da espada.

A Jihad da espada é a mais relevante para a comunidade de contraterrorismo hoje, porque é a base da ideologia jihadista global (GORKA, 2009). Este reconhecimento de motivação jihadista tem suas raízes na invasão soviética do Afeganistão em 1979. Ele observa que, para os mujahedins árabes, recrutados pelo Palestino Abdullah Azzam, Jihad era um conceito fundamental, redefinindo um

jihadista, ao negar seus preceitos anteriores em prol da guerra santa, a ser declarada por uma autoridade legítima, e considerando a resistência militar como direito individual.

Akram (1991) postula que a supremacia islâmica no Ocidente é buscada por várias gerações, via um "processo civilizatório jihadista", que, como o Conselho Shura da Irmandade Muçulmana explica, "é uma espécie de grande Jihad na eliminação e destruição da civilização ocidental."

Tanto quanto motivado religiosamente, o fundamentalismo está preocupado há anos com o islamismo político. Isso atraiu amplo apoio durante o último trimestre do século XX. Seus seguidores visualizaram o Islã como uma orientação clara para a luta contra a injustiça e a opressão. As fontes espirituais do Islã político voltaram ao século XVIII para ressuscitar as ideias de Mohammed Ibn Abd al-Wahhab e para os reformadores muçulmanos do século XIX. Esses pensadores tentaram promover em seus escritos a reintrodução de dogmas islâmicos e das práticas religiosas islâmicas na sua forma supostamente original e pura. Esse ideal de retornar aos primórdios do Islã é a base de inúmeros movimentos fundamentalistas como o salafismo.

Na década de 1920, o conceito de antimodernismo começou a tomar forma, sendo visto como uma reação ao domínio dos estados ocidentais e à globalização. A forma militante do salafismo, que está preparado para usar a violência, é frequentemente referida pelo jihadismo. Jihadistas acreditam que eles devem, se necessário, fazer valer as suas convicções religiosas por meio da luta armada.

Jihadistas contemporâneos veem a Jihad como um dever pessoal. O objetivo real de suas ambições é tornar o Islamismo uma regra, uma norma global, na qual, com base no modelo das primeiras gerações, depois do Profeta Mohammed, a liderança secular e espiritual, são combinadas na pessoa do califa. Numerosos grupos jihadistas começaram a lutar contra os governos, que consideram ilegais, infiéis ou apóstatas, para a criar um califado em seus países.

O objetivo geral do trabalho , colocado de forma clara e precisa, foi atingido pelo cumprimento dos objetivos específicos. Cada objetivo específico contribuiu no todo ou em parte para precisão da pesquisa.

O Objetivo Geral consistiu na realização de uma análise das características do Estado Islâmico, das estratégias utilizadas para seu enfrentamento e seus reflexos na doutrina de emprego da Força Terrestre.

Os Objetivos específicos foram:

- analisar as origens históricas do Estado Islâmico.
- analisar o perfil psicológico, cultural e ideológico dos integrantes do Estado Islâmico.
 - analisar as características das ações terroristas executadas pelo Estado Islâmico e *seu modus operandis*.
 - analisar as atuais estratégias de enfrentamento contra as ações terroristas implementadas por países ocidentais já atacados.
 - analisar a Doutrina Militar Terrestre e sua pertinência e atualização em relação às estratégias de enfrentamento ao terrorismo mais atuais.

2 METODOLOGIA

No que se refere à metodologia a ser empregada no decorrer desta pesquisa, foi seguido o que prescreve o Manual Escolar de Trabalhos Acadêmicos na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME (BRASIL, 2004).

2.1 TIPO DE PESQUISA

Este Pesquisador utilizou as Pesquisas Bibliográfica e Documental como estratégias para o desenvolvimento do trabalho. Tais técnicas se valem da consulta do material constante em livros, trabalhos acadêmicos, artigos, bibliotecas e na rede mundial de computadores. Também foram verificados acordos, tratados, atas, resoluções e qualquer outra documentação relevante disponível acerca do tema.

2.2 COLETA DE DADOS

A coleta foi realizada por meio de consultas à documentação, bem como em entrevistas com militares e civis que trabalham diretamente no assunto.

2.3 TRATAMENTO DOS DADOS

Durante o desenvolvimento da pesquisa, os dados levantados, a partir de uma análise de conteúdo, foram tratados de modo não estatísticos e codificados e para servir de argumento na fase conclusiva do trabalho. Após esta fase, as informações foram analisadas, organizadas e ordenadas conforme a estruturação e a sequência do trabalho.

2.4 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

Em virtude da dimensão do tema, do nível e do envolvimento dos atores e instituições dos mais altos escalões, este Pesquisador não teve a pretensão de esgotar o assunto neste trabalho. Deseja, pois, despertar e aguçar autoridades, estudiosos e interessados para uma nova e atualizada percepção acerca do objeto.

3 O Estado Islâmico

Não é incomum que alguns grupos e organizações islâmicas extremistas busquem globalizar a luta armada. Al-Qaeda, uma das organizações jihadistas mais conhecidas, sempre teve uma perspectiva global, desde o início de suas ações e, também, desempenhou um papel central como o patrocinador ideológico para outros grupos.

A Al-Qaeda foi formada como uma rede durante a guerra afegã de resistência contra a União Soviética e realmente chamou a atenção do público global, pela primeira vez com o bombardeio do World Trade Center em Nova York em 1993. Em 11 de Setembro de 2001, membros da al-Qaeda foram responsabilizados pelos ataques terroristas nos EUA, em que cerca de 3.000 pessoas morreram. As medidas tomadas em todo o mundo, para combater o terrorismo, após os atentados de 2001, levaram à morte de líderes do alto escalão da Al-Qaeda, incluindo seu líder máximo, Osama Bin Laden, em maio de 2011

Após a morte de Osama Bin Laden deu-se o início a uma crescente competição entre o núcleo restante da Al Qaeda e um novo grupo, o Estado Islâmico.

3.1 ORIGENS

As origens desse novo grupo estão no Iraque em 2003. Nesse tempo, o afegão veterano Abu Musab al-Zarqawi fundou a organização al-Tawhid wa al-Jihad. Já no início de 2004, Zarqawi estava lutando para o estabelecimento de um Estado Islâmico. Zarqawi jurou lealdade a Osama Bin Laden em 2004 e, foi nomeado por ele, como o líder da Al-Qaeda no Iraque. Em 2006, o Estado Islâmico do Iraque (Islamic State of Iraq - ISI) foi por ele proclamado. Esse grupo declarou várias províncias e a cidade de Kirkuk como seu território, apesar de não controlá-los totalmente. Até 2011, a área de operações do grupo permaneceu restrita ao Iraque.

O conflito na Síria, que estava latente desde março de 2011, reforçou os esforços do grupo para expandir sua influência. Ele enviou jihadistas para a Síria, que organizaram a Frente al-Nusra (Jabhat al-Nusra). Em poucos meses a Frente al-Nusra tornou-se um dos mais poderosos grupos armados na Síria, mas não estava disposta a subordinar-se à liderança do ISI.

A controvérsia entre o Al-Nusra e o ISI resultou numa intervenção do ISI na Síria por meio de uma nova designação que englobava os dois grupos, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS). As posições concorrentes levaram a um posicionamento formal da liderança da Al Qaeda, reconhecendo a Frente Nusra como sua filial na Síria e ao mesmo tempo retirar a adesão da Al Qaeda ao ISIS.

No início de 2014, os grupos de oposição sírios declararam guerra ao ISIS. Desde então, vários grupos na Síria, incluindo a Frente al-Nusra, têm lutado contra ISIS. Na Primavera de 2014, ISIS retomou sua expansão territorial, culminando em junho com a proclamação do califado e uma nova designação Estado Islâmico.

O Estado Islâmico tem recursos financeiros consideráveis, graças ao seu controle de campos de petróleo, ao saque à filial do banco central no Iraque e às suas receitas com transações comerciais ilegais, além da posse de poderosos armamentos e equipamentos militares. Não há dados confiáveis sobre o número total de combatentes; fala-se em várias dezenas de milhares de pessoas. Com tudo isto em mãos, os jihadistas do Estado Islâmico estão motivados e têm desenvolvido capacidades militares e logísticas, além de procurar estabelecer uma organização estatal com estruturas próprias nos territórios por ele dominados.

3.2 CARACTERÍSTICAS CULTURAIS DOS EXTREMISTAS ISLÂMICOS.

A compreensão da história cultural e dos caminhos através dos quais os indivíduos se comprometem com a ideologia radical islâmica são fundamentais para identificar com quais ideias, valores, princípios e normas de conduta é formado o pensamento e a lógica das ações dos indivíduos e das redes extremistas islâmicas. Enquanto a composição demográfica das redes extremistas tornaram-se mais diversificadas, continua a ser verdade que a maioria dos membros da Al-Qaeda, Estado Islâmico e outros grupos extremistas são de etnia árabe ou descendentes do Oriente Médio.

Especialistas em contraterrorismo ao avaliar indivíduos árabes ou descendentes do Oriente Médio, potencialmente recrutáveis, identificaram maiores diferenças entre estas pessoas e os outros indivíduos com a mesma ideologia. Eles afirmam que há certas normas culturais e generalizações inerentes à chamada " mentalidade do Oriente Médio " que devem ser consideradas para o melhor entendimento do ambiente cultural e comportamental em que vive, um possível

extremista religioso e suas motivações. A seguir será apresentado, a partir de uma perspectiva psicológica obtida por NCIS(2014), alguns destes costumes e comportamentos-chave de um extremista com este perfil.

“ Os Peões do Destino: enquanto muitos ocidentais se veem com o controle de seu próprio destino, muitas pessoas do Oriente Médio acreditam que muito do que acontece com eles - e outros - na vida é predestinado e controlado pelo destino (COHEN-MOR, 2001). A crença predominante é que o comportamento de um indivíduo tem muito pouco efeito sobre os resultados.

Também incorporado da cultura árabe é uma aceitação normativa de teorias de conspiração, como um meio de explicar as razões por trás de certos eventos. Osama Bin Laden capitalizou com esse fenômeno, reiterando por muito tempo a crença conspiratória que os americanos, judeus e aliados ocidentais estão tentando atacar a fé do Islã, oprimir e matar os muçulmanos, controlar e dominar o Oriente Médio.

Identidade Coletiva: a cultura dos povos da maioria dos países asiáticos e do Oriente Médio é muito mais orientada para o coletivismo do que para individualismo. Pessoas de culturas individualistas orgulham-se de realização pessoal, que os torna únicos, especiais ou diferente dos outros. Pessoas de culturas coletivistas, no entanto, acreditam que o valor pessoal não vem de ações individuais, mas da posição social e da filiação a um grupo. Eles valorizam em si mesmos não o que é único, mas sim o que os torna parte de um grupo maior ou coletivo.

A ética da responsabilidade não é tão centrada no benefício do indivíduo mas sim no da coletividade. Sua identificação como integrante de um grupo (o que os psicólogos sociais chamaria de "identidade social;" (Tajfel & Turner, 1986) é mais importante na compreensão e definição de quem são do que os seus traços pessoais ou do que eles têm feito. A identidade do indivíduo é baseada em sua família ou tribo ou clã e no grupo com quem ele atualmente está integrado. Este fenômeno é capturado no ditado: "Quem eu sou é de que eu faço parte, e com quem eu estou."

Importância dos relacionamentos: a cultura árabe é construída sobre relacionamentos e conexão entre as pessoas. Os relacionamentos são incrivelmente importantes como uma fonte de energia, conforto e valor. Pessoas de culturas coletivistas raramente valorizam "o tempo sozinho" e eles raramente estão sozinhos. Tal como acontece com a identidade, a percepção da auto-estima são influenciados fortemente pelo status percebido e o valor de sua rede social. Buscar conexões é fundamental em um mundo onde o próprio valor é definido por quem conhece e quem está na sua rede (referido em árabe como *wasta* – a força escondida no Oriente Médio). Essas prioridades são muito diferentes dos valores ocidentais tradicionais que enfatizam a realização individual e a auto-estima (NYDELL, 1996).

Sem um sentimento de pertencer, pessoas de culturas coletivistas muitas vezes sentem que suas vidas não têm sentido ou direção (MATSUMOTO, 2001). Essas pessoas são fundamentalmente definidas por e valorizadas por, pertencer a um grupo. Sem essa participação, elas estão perdidas. Isso significa que o grupo detém grande poder sobre o comportamento do indivíduo. Assimilação é bom; diferença é ruim. Conformidade é bom; a dissidência é ruim.

Assim, na sua busca de significado pessoal, direção e estrutura (especialmente em um ambiente onde as ideologias extremistas são predominantes), um homem, muitas vezes, suspende o pensamento crítico e compromete-se com uma mesquita particular, líder, ou coletivo "bando de caras" (e sua ideologia) que defendem o Islã militante. Ao fazer esse compromisso, ele desenvolve as capacidades e as conexões necessárias para participar de ataques contra interesses ocidentais (BORUM & GELLES, 2005).

Boas impressões: porque é tão importante ser aceito por, e, ligado a outros, pessoas do Oriente Médio e de cultura árabe muitas vezes priorizam sua imagem social e a harmonia das relações fundamentadas na franqueza ou na sinceridade. Por exemplo, é considerado falta de educação não concordar com alguém ou recusar um pedido. Assim, a pessoa do Oriente Médio pode expressar sentimentos insinceros, a fim de evitar um conflito no relacionamento. Isto não é considerado como uma tentativa de enganar, mas como um comportamento apropriado para preservar a relação. A consequência é que os indivíduos desenvolvem agendas ocultas para garantir a conectividade com os outros e aumentar o seu valor para sua coletividade (ADLER & RODMAN, 2002). Como resultado, é difícil estabelecer a confiança, como é esperado no Ocidente.

Boas Intenções: no Ocidente, é importante "fazer o bem". Mérito é obtido através da ação, e diz-se que "as ações falam mais alto que palavras." Por outro lado, no Oriente Médio, as intenções são mais importantes do que as ações. Se uma pessoa atesta que eles vão fazer algo e posteriormente ela deixar de fazer, isto não é considerado uma transgressão, desde que a pessoa sinceramente queria fazê-lo ou destinado a fazê-lo no momento em que foi prometido (PATAI, 2002). Assim, as promessas bem-intencionadas e ações previstas podem não ter o mesmo peso para a origem e para o destinatário

Vergonha, não culpa: no Ocidente, as experiências associadas com a culpa e a antecipação de sentimentos de culpa influenciam o comportamento manifesto e processos de tomada de decisão do indivíduo.

A culpa é pessoal; é angústia experimentada pelo indivíduo. Sua mitigação geralmente requer confessar a alguém, assumir a responsabilidade por suas ações e, possivelmente, tomar outras medidas para corrigir ou compensar o comportamento ofensivo. Na cultura do Oriente Médio, no entanto, a culpa é um fator muito menos importante do que a vergonha (TRIANDIS, 1995). Por outro lado, as sociedades coletivistas são mais impulsionadas pelo fenômeno da vergonha.

A vergonha é a emoção angustiante que procura-se evitar ou tem-se que suportar quando o comportamento é ilícito. A vergonha é social; é uma reação às respostas dos outros. A confissão reconhece e dá ciência ao outro do comportamento indesejável, e, portanto, é geralmente evitada. É a consciência dos outros, que traz a sanção da vergonha.

Pensamento associativo: é outra diferença cultural importante encontrada entre pessoas do Oriente Médio é que a maioria são levadas e aculturadas para pensar de forma associativa, em vez de linear, modo meta-orientado, estruturado e sequencial que é típica dos ocidentais (Nydell, 1996). Por exemplo, um ocidental contando uma história sobre uma experiência de vida seria provável fazê-lo em ordem cronológica, de uma forma que criou um começo, meio e fim. Como alternativa, os pensadores associativos não estão vinculados a essas convenções. Eles podem "sair pela tangente" ou relacionar segmentos fora de seqüência. Pode fazer sentido na sua "grande figura" do que eles estão tentando transmitir, mas pode ser difícil para os pensadores lineares entendê-la. Em um esforço para compensar esse estilo de pensamento, a educação no Oriente Médio é baseado em técnicas de memorização.

Informações emocionais de processamento: os indivíduos do Oriente Médio tendem a ser processadores emocionais de informações. Como eles tomam em informações e experiências, eles tendem a organizar os dados e eventos em todo o contexto das relações e valores coletivos, em vez de por assunto ou categoria (PATAI, 2002). A informação tende a ter o valor reforçado e é comunicada em termos mais dramáticos com textura melhorada e emotiva. A informação, no entanto, podem também ser distorcida, numa tentativa para aumentar o valor do comunicador para o ouvinte.

3.3 CARACTERÍSTICAS DA IDEOLOGIA RELIGIOSA EXTREMISTA

Algumas ideias difundidas nas madrassas e citações encontradas em publicações wahabistas podem exemplificar como o pensamento islâmico radical é formado.

“ Qualquer outra religião é falsa, exceto o Islã”

“ Quem morre fora do Islã vai para o inferno”

“ São exemplos de falsas religiões: judaísmo, cristianismo , paganismo etc”

“ A fé não é apenas uma palavra dita por uma pessoa. A fé consiste de língua, convicção e ação”

“ É proibido a um muçulmano ser amigo leal de uma pessoa que não acredite em Deus e seus profetas ou que combata a religião islâmica”. (DEFESANET, 2015)

“O mundo do extremismo islâmico é dividido entre “nós” e “eles”. Os progenitores dessa ideologia, incluindo Sayyid Qutb, Muhammad Abd Al-Salam Al-Farraj e Abdallah Azzam, como também seus seguidores contemporâneos como Usama Bin Ladin acreditam que duas forças procuram dominar o mundo. Desde o tempo que o Al Corão foi revelado ao Profeta Maomé, os estados do Dar Al Slam (terra do Islã) e o estado Dar Al Harb (terra onde não se profeta o Islam) estão em guerra e permanecerão em guerra até o fim dos tempos (LEWIS, 2003)

As características pessoais procuradas por recrutadores da Al-Qaeda, e adaptadas por outros grupos extremistas islâmicos, têm sido bem documentadas pelos órgãos de segurança e acadêmicos. Em primeiro lugar está a crença no Islã. Isto se explica a partir da afirmação: "como pode um incrédulo, alguém de uma religião revelada, cristianismo e judaísmo, uma pessoa secular, um comunista, etc. podem proteger os muçulmanos, o Islã, e defender os seus objetivos e segredos, quando o que ele faz é acreditar nesta outra religião? " Portanto, a crença no Islam é uma condição necessária para um indivíduo que está sendo inserido no processo de recrutamento. Compromisso com uma ideologia extremista, em última análise, será também um pré-requisito para ser mobilizado para a Jihad. Simplificando, primeiro o indivíduo torna-se um extremista, antes de tornar-se um terrorista.

Outra perspectiva sobre características comuns do recruta ideal pode ser deduzida a partir de observações daqueles extremistas que foram capturados e detidos. Examinando os dados demográficos e psicológicos de membros conhecidos, podem ajudar a destacar as características e a mentalidade do membro recrutado e comprometida com êxito. A seguir estão alguns temas descritivos de características psicológicas recolhidos a partir de várias fontes com base em

avaliações dos membros da célula terrorista presos e detidos. Este não é um perfil, mas sim uma coleção de características, que têm um certo nível de boa fé, porque refletem perfis de conhecidos recrutados e posteriormente radicalizados.

- Quase todos eram do sexo masculino.
- Eles tinham idades compreendidas entre 16 e 50 anos de idade. A faixa etária mais comum foi entre 23 e 27 anos.
- O nível socioeconômico foi variável. De modo geral, variou da classe baixa-média para a classe média.
- Muitos eram casados e tinham filhos.
- Muitos eram de famílias numerosas. As mães foram descritas como tendo uma influência constante sobre a família.
- Quase todos foram criados como muçulmanos e educados em práticas religiosas desde a infância. O grau de formação religiosa continuou na adolescência, mas foi menos consistente. A atividade religiosa, geralmente, foi ampliada durante a idade adulta e esteve relacionada à adesão à organização.
- A maioria foi educada em escolas seculares. Vários participaram de um currículo islâmico, realizadas em madrassas, após a sua educação básica. Em alguns casos, a frequência em uma madrassa era parte do processo de comprometimento com a causa. Os níveis de instrução variaram de pessoas apenas alfabetizadas até aqueles com alto grau de pós-graduação.
- A maioria dos membros era considerado fracassado na escola. Isso pode ter afetado sua auto-estima e sua curiosidade intelectual. Isto, também, pode ter tornado alguns indivíduos mais propensos a procurar grupos e orientação, de modo a agir de modo mais seguro, evitando críticas, em razão de suas dificuldades com as relações sociais.
- Dificuldades acadêmicas, muitas vezes estavam relacionados a dificuldades nas relações familiares e nos problemas de infância.
- Muitos defendiam uma visão geral de que é mais fácil olhar para os outros para determinar a direção a ser seguida.
- Muitos membros haviam sofrido *bullying* na escola como crianças.
- Mais tarde, na idade adulta, muitos afiliaram-se e foram aceitos pela religião. Esses alcançaram algum reconhecimento por haver estudado o Alcorão profundamente e com isto eram vistos como superiores na religião. A maioria relatou que o conhecimento da religião era o seu valor predominante.

- Alguns avaliadores especularam que a falta de educação religiosa consistente ou o interesse religioso antes de se juntar ao grupo, deixou muitos indivíduos mais vulneráveis a interpretações religiosas manipuladoras e distorcidas difundidas pelos líderes de grupo.

- Para muitos houve uma série de pontos de retorno ou momentos de crise que precipitaram suas volta ao Islã, como uma fonte de força, consolo e identidade. Parece que todos eles estavam em uma "encruzilhada" em suas vidas individuais, procurando estabelecer uma identidade, obter a aprovação e validação, ou assegurar algum sentido na vida.

Algumas das crises precipitantes mais comuns incluem:

- A morte de um membro da família.
- A busca de sentido na vida, como resultado da pobreza, libertação da prisão, ou a perseguição social ou religiosa.
- Um sentimento de insatisfação e infelicidade na vida.
- A influência de terceiros: imam, discursos de líderes religiosos, leitura de livros ou outras formas de mídia.
- Tornar-se um marido ou pai, divorciado, ou a vida familiar instável; e
- A maioria relatou que desejava fazer parte de um grupo. Alguns procuravam um grupo para executar ações e ansiavam alcançar uma identidade através do Islã e do extremismo religioso.

- Alguns viam na religião uma solução para uma vida conturbada e um meio para diminuir a decepção de outros aspectos da vida com a qual eles estavam insatisfeitos. Após o retorno para o Islã e o compromisso com o grupo, muitos foram informados que a Jihad era um meio para limpar e expiar transgressões passadas.

Grande parte da ameaça do Estado Islâmico tem origem no recrutamento de indivíduos altamente qualificados, que obtiveram acesso a informações e materiais sensíveis e de pessoas que possuem a necessária expertise para manuseá-los. Este tem recrutado e continua recrutando centenas de guerreiros estrangeiros com graduação em física, química e ciência da computação. Especialistas em inteligência e segurança avaliam que eles têm habilidade para manufaturar armas letais a partir de substâncias brutas.

3.4 LOBO SOLITÁRIO

O termo "lobo solitário" foi popularizado, na década de 1990, pelos supremacistas brancos Tom Metzger e Alex Curtis, como parte de um incentivo aos colegas racistas para agirem sozinhos em razão da segurança tática ao cometer crimes violentos.

Burton e Stewart (2008) definem um lobo solitário como uma pessoa que age em seu próprio país, sem ordens, sem ligações a uma organização. Eles salientam a diferença com células adormecidas (*sleepers cells*), argumentando que *sleepers* são indivíduos/agentes que se infiltram na sociedade-alvo ou organização e, em seguida, permanecem adormecidos até que um grupo ou organização ordene a eles a agirem. Neste contraste, um lobo solitário é um operativo solitário, criado por sua própria natureza, já inserido na sociedade alvo e é capaz de ativar-se, a qualquer momento. No entanto, ressaltando a ausência de ligações com uma rede mais ampla ou uma organização, esses autores negam a existência de conexões ideológicas entre os lobos solitários e outras redes ou organizações, quer através de contatos pessoais ou por meio de conteúdo inspirado na Internet.

Embora alguns lobos solitários tenham sido associados a grupos organizados, tais como Baruch Goldstein, que tem sido associada ao Kach e Timothy McVeigh, que tem sido associados a grupos extremistas de direita, eles foram decididos, planejados e executados por conta própria, e não seguiram instruções de qualquer estrutura hierárquica de comando

Na opinião de Sageman (2004), a definição de lobo solitário deve incluir os indivíduos que são inspirados por um determinado grupo, mas que não estão sob as ordens de qualquer outra pessoa, grupo ou rede. Eles podem ser membros de uma rede, mas esta rede não é uma organização hierárquica no sentido clássico da palavra. Quando extremistas islâmicos seguem esta forma de difundir o terror, Sageman (2004) a descreve como Jihad sem liderança, *Leaderless Jihad*

Exemplos infames de lobos solitários nos Estados Unidos, Israel e Europa incluem Baruch Goldstein, um norte-americano, nascido em Israel, responsável pela morte de 29 muçulmanos, enquanto oravam na Caverna dos Patriarcas em Hebron; o austríaco Franz Fuchs que usou cartas-bomba para matar quatro pessoas e ferir mais 15; major Nidal Malik Hassan, Exército dos EUA, que é acusado de assassinato em massa, no Fort Hood, onde 13 pessoas morreram e outras 30

ficaram feridas, e o norte-americano matemático Theodore Kaczynski, também conhecido como o "Unabomber", que enviou cartas-bomba e matou três pessoas e feriu outros 23. Além disso, há vários assassinos de líderes políticos, que agiram como lobos solitários. Yigal Amir, o assassino do primeiro-ministro de Israel Yitzhak Rabin e Volkert van der Graaf o assassino do político holandês Pim Fortuyn.

Esses indivíduos e seus atos violentos exemplificam as variações na segmentação e no *modus operandis* terrorista de lobos solitários, bem como a variedade de motivações políticas e ideológicas dos perpetradores, sejam anarquistas revolucionários, fanáticos religiosos, ambientalistas extremistas, supremacistas brancos e jihadistas. Todos envolveram em ataques conduzidos por lobos solitários. Quando trata de extremismo religioso também observa uma variedade de motivações. Entre aqueles que afirmam ou justificam seus atos em nome de uma religião estão indivíduos de todas as fés.

Lobos solitários muçulmanos como Nidal Malik Hassan e Abdulhakim Mujahid Muhammad, que abriram fogo contra um militar dos EUA, em um escritório de recrutamento, bem como adeptos anti-semitas, como Buford Furrow, que atacou um centro de comunidade judia e Eric Rudolph, também conhecido como o Parque Olímpico Bomber, que matou duas pessoas e feriu pelo menos outras 150 pessoas.

As ações terroristas de lobos solitários do mesmo modo incluem os radicais católicos romanos como James Kopp e protestantes radicais, como Scott Roeder, que matou um médico que realizava abortos. Obviamente, não há um perfil único para um lobo solitário. No entanto, é possível distinguir categorias diferentes de lobos solitários com base em sua fundamentação ideológica ou religiosa. Acrescida a essa distinção, existem algumas características comuns a muitos lobos solitários.

Um dos problemas para os especialistas em contraterrorismo e acadêmicos é o número relativamente baixo de terroristas que agem por conta própria, sem ordens ou ligações com uma organização. De acordo com um estudo realizado pelo Transnational Terrorism Security and the Rule of Law Institute - TTSRL, um número total de 72 incidentes envolvendo terroristas, a ação de lobos solitários representaram apenas 1,28 por cento do número total de incidentes terroristas nos EUA, Alemanha, França, Espanha, Itália, Canadá e Austrália. Esta estatística quantitativa insignificante transforma esses incidentes em ocorrências do tipo "cisne negro" que são quase impossíveis de categorizar ou sistematizar. No entanto, o número de incidentes ligado a terrorista solitário parece estar em ascensão.

O aumento do terrorismo praticado por lobo solitário nos Estados Unidos nas últimas três décadas pode ser parcialmente explicado pela adoção e disseminação desta nova tática pela direita extremista, como afirma Hamm (2012). Por exemplo, no final de 1990, os supremacistas brancos Tom Metzger e Alex Curtis encorajaram explicitamente companheiros extremistas para agirem sozinhos ao cometerem crimes violentos.

Alguns anos antes, um fanático da supremacia branca Louis Beam, ex-Ku Klux Klan, membro da Aryan Nations, popularizou a estratégia de resistência sem liderança. Ele previu um cenário em que todos os indivíduos e grupos operavam independentemente um do outro, sem nunca ligar-se a uma sede central ou líder para a direção ou instrução antes de executar os ataques terroristas, com a finalidade de evitar vazamentos e infiltração de agentes de segurança.

Essas ideias foram publicadas em seu próprio jornal, *The Seditonist*. Neste artigo, Beam credits as origens do conceito resistência sem liderança, *leaderless resistance*, ao Coronel da força aérea americana, Uliuss Amoss, que em décadas anteriores propôs a estratégia contra ocupação comunista nos Estados Unidos.

Entre os extremistas islâmicos, a ideia de ataques em pequena escala, pouco organizado era uma novidade. Em 2003, foi publicado em um artigo na internet Sada al Jihad (Ecos da Jihad), em que simpatizantes de Osama Bin Laden foram incentivados a executar ações sem esperar por instruções, *Leaderless Jihad*. Em 2004, Abu Musab al-Suri, conhecido também como Mustafa Setmariam Nasar, sírio-espanhol, que tinha pertencido ao círculo mais próximo de Bin Laden, mas que distanciou depois do 11 de setembro, devido a diferenças sobre questões estratégicas, publicou na internet o " Chamado a Resistência Islâmica Mundial". Neste manuscrito, al-Suri propõe uma nova fase para a Jihad, caracterizada pelo terrorismo executado por indivíduos ou pequenos grupos autônomos, que ele também rotulava como "resistência sem liderança". Essas pessoas iriam desgastar o inimigo e preparar o terreno para o objetivo mais ambicioso, a guerra em "frentes abertas" - uma luta definitiva pelo território. Em 2006, o líder da Al Qaeda Abu Jihad al-Masri seguiu o exemplo com uma chamada às armas, intitulado "Como lutar sozinho circulou amplamente nas redes jihadistas.

O manifesto de Anders Breivik também pode ser considerado como um guia para a condução de ações terroristas por um lobo solitário. Em uma parte do seu manifesto, Breivik explica como publicar documentos na Internet e como usar a

mídia social para fins de recrutamento. Além disso, ele mostra os truques, que ele mesmo utilizou, para desviar de agentes de inteligência europeus e descreve em detalhes como ele fabricou as cargas explosivas utilizadas para explodir o edifício do governo em Oslo. Breivik apresenta também as possibilidades do uso de armas não-convencionais, tais como dispersão de materiais radiológicos, as chamadas bombas sujas.

Ataques de lobos solitários tornou-se a forma mais enigmática e imprevisível de terrorismo. Lobos solitários são um pesadelo para as organizações de combate ao terrorismo, para a polícia e para os serviços de inteligência. Eles são extremamente difíceis de neutralizar.

Primeiro de tudo, lobos solitários são atores autônomos, cujas intenções são difíceis de discernir, uma vez que geralmente evitam o contato com outros indivíduos ou organizações. Isso faz com que a identificação, o monitoramento e a prisão de um lobo solitário seja extremamente difícil. Comparado com os procedimentos comuns de grupos e organizações terroristas, os lobos solitários têm uma vantagem fundamental para evitar a identificação e detecção, ao não comunicar seus planos com outras pessoas, seja antes ou depois de seus ataques.

Quando militantes integram uma célula, constituída por mais de uma pessoa, aumentam substancialmente as possibilidades das forças de segurança frustrarem a conspiração terrorista. Breivik esteve sempre ciente disso. Ele mesmo adverte outros terroristas potenciais que eles aumentariam em 100% para cada pessoa que eles contarem seus planos: "Não confie em ninguém a menos que seja absolutamente necessário, mas isto nunca deve ser o caso. Faça tudo absolutamente sozinho ", ele escreve em seu manifesto.

Segundo Sageman (2005), mesmo que lobos solitários, como Breivik, façam referências políticas ou ideológicas em seus discursos, eles continuam difíceis de serem identificados como terroristas políticos ou ativistas. Isto representa um problema para os agentes de segurança na medida em que estes indivíduos são alienados ou excluídos de grupos específicos, torna-se mais difícil levantar pistas quanto ao seu *modus operandis*, alvos preferenciais ou a busca de informações, a partir da divulgação de suas atividades, como propaganda.

Lobos solitários apresentam idiossincrasias. Eles exibem um amplo espectro de ideologias e motivações, desde extremistas islâmicos, radicais de direita, psicopatas suicidas a pessoas mentalmente saudáveis. Esta vasta gama de

expressões e visões, que vão desde divagações ideológicas, mensagens de ódio na Internet a atos de pleno direito de terrorismo, dificilmente indica qualquer sinal de padrões ou métodos recorrentes por trás dos ataques de lobo solitário.

É particularmente difícil distinguir entre lobos solitários, extremistas, que tem a intenção de cometer ataques e aqueles que simplesmente expressam crenças radicais ou emitem ameaças. Nos países ocidentais em geral, e nos Estados Unidos, em particular, a liberdade de discurso é uma ação fundamental que limita as possibilidades para atos radicais, a menos que eles sejam violentos. Enquanto a maioria dos terroristas são radicais, e nem todos os radicais são terroristas, é extremamente difícil identificar quais lobos solitários realizarão um ataque real, antes que eles ataquem, mesmo com a ajuda das ferramentas mais sofisticadas de coleta de informações.

Lobos solitários inspiraram comportamento imitador e tornaram-se modelos para outros jovens alienados; eles muitas vezes incitam a execução de ataques semelhantes. O manifesto de Kazcynski ainda circula na Internet, como as cartas de Bouyeri. E é provável que vamos ver o mesmo acontecendo com a Declaração Europeia de Independência de Breivik. Além disso, certas táticas como tiros a esmo, cartas-bomba, ataques incendiários ou cartas com antraz, também, têm uma tendência para continuar por um longo período de tempo, embora não conduzidas necessariamente pelo mesmo autor.

Finalmente, embora os lobos solitários tenham a desvantagem de não ter os meios, as habilidades e o apoio profissional de grupos terroristas, seus ataques, no entanto, têm-se revelado muito letal.

3.5 GUERREIROS ESTRANGEIROS (FOREIGN FIGHTERS)

"Eu estou pedindo a todos os muçulmanos que vivem no Ocidente, na América, na Europa, e em todo lugar, para vir, para fazer sua HIJRA com suas famílias para a terra do califado", disse um lutador finlandês de ascendência somali. "Aqui, você vai para a luta e depois você volta para suas famílias. E se você for morto, então ... você vai entrar no céu, se Deus quiser, e Deus vai cuidar daqueles que você deixou para trás. Então, aqui, o califado vai cuidar de você. (BORUM e GELLES 2005)

"HIJRA é uma palavra árabe que significa "emigração", evocando a fuga histórica do Profeta Maomé de Meca, onde assassinos estavam conspirando para matá-lo, para Medina. Abdullah Azzam, o pai do movimento jihadista moderno, definiu HIJRA, como a partida de uma terra de medo para uma terra de segurança, uma definição mais tarde ampliada

para incluir o ato de deixar sua terra e família para lutar a JIHAD em nome do estabelecimento um Estado Islâmico. Para a maioria dos extremistas islâmicos hoje, os conceitos de hijra e jihad estão intimamente ligados". (BORUM & GELLES 2005)

O fenômeno de combatentes estrangeiros não é novo. Ao longo da história, houve vários exemplos de conflitos em que vemos a presença de combatentes estrangeiros, definido por Malet (2013), como "não cidadãos dos estados de conflito" que se juntam a insurgências durante os conflitos civis, variando de casos individuais para grupos relativamente grandes e organizados. O exemplo histórico mais conhecido de um movimento combatente estrangeiro organizado é daqueles que lutaram na Guerra Civil Espanhola. Estima-se que cerca de 35.000 cidadãos não espanhóis juntaram-se às Brigadas Internacionais para lutar ao lado do governo republicano contra os nacionalistas liderados pelo General Francisco Franco. Menos conhecido é o fato de que o outro lado também atraiu alguns milhares de combatentes estrangeiros. De acordo com Malet, todos os exemplos históricos de combatentes estrangeiros tem algo em comum. A ideia de uma identidade transnacional que conecta indivíduos e grupos como uma comunidade estrangeira e sua percepção da necessidade de apoiar seus integrantes frente a uma ameaça.

Nas últimas décadas, o fundo ideológico dessa identidade variou desde o comunismo, o ativismo de esquerda, o catolicismo e ao etno-nacionalismo. A identidade transnacional que está presente nos conflitos na Síria e no Iraque é a do *ummah* - a comunidade de muçulmanos. A defesa dessa comunidade está relacionada ao conceito ou à crença no chamado *Jihad*, esforço do levar o Islamismo a outras pessoas.

A maioria dos combatentes estrangeiros de hoje está lutando sob a bandeira do que tem sido chamado de "jihadismo-salafista". Este ramo do Islã e sub-ramo do salafismo é descrito por Stern e Berger como " qualquer governo que não governa de acordo com a Sharia é um regime infiel e ilegítimo " e que tais regimes devem ser derrubados. Até recentemente, essa particular forma de *Jihad* foi principalmente associada com a luta no Afeganistão contra o Exército Vermelho da União Soviética (1979-1989), e, que após a sua retirada.

Desde a década de 1990, novos conflitos têm atraído combatentes estrangeiros jihadistas, como na Chechênia, Iraque (período após a invasão liderada pelos EUA, em 2003), Iêmen, Líbia, Somália, Mali, e outros. Seus efetivos eram relativamente pequenos, até a Primavera Árabe, quando iniciou uma nova

movimentação, seguida pela eclosão da atual guerra civil na Síria e a ascensão do chamado "Estado Islâmico" no Iraque.

Hoje, o número de combatentes estrangeiros jihadistas na Síria e no Iraque não tem precedentes, muito superior ao daqueles que foram para a *Jihad* no Afeganistão, Paquistão, Iraque, Iêmen ou Somália. Este conflito, verdadeiramente globalizado, tem atraído lutadores de todo o mundo, a maioria dos quais se juntaram a grupos jihadistas, como o Jabhat al-Nusra e o EI. O aumento do EI está intimamente ligado à situação síria e iraquiana, especialmente depois da proclamação do califado, no verão de 2014.

Este evento, e os sucessos inesperados no campo de batalha, resultaram em um aumento no número de combatentes estrangeiros. A estimativa de fevereiro 2015 do Centro Internacional para o Estudo da Radicalização e Violência Política (ICSR) fala de 20.730 combatentes estrangeiros, a maioria deles do Norte de África e no Médio Oriente. Com cerca de 4.000 cidadãos e residentes provenientes de países da Europa Ocidental, também uma "fonte" relativamente significativa de guerreiros estrangeiros jihadistas. Dentre os países da Europa Ocidental, a França viu um maior número de guerreiros estrangeiros jihadistas irem para a Síria ou o Iraque (1200), seguida pela Alemanha (500-600), o Reino Unido (500-600) e Bélgica (440). Outros países com mais de cem combatentes estrangeiros que partiram para a Síria ou o Iraque são os Países Baixos (200-250), Suécia (150-180), Áustria (100-150), Dinamarca (100-150), e Espanha (50-100).

A estimativa de fevereiro de 2015 do ICSR também fornece dados sobre os retornados e o número de combatentes estrangeiros que morreram na Síria e no Iraque. O ICSR apresenta, igualmente, que entre cinco a dez por cento de guerreiros estrangeiros jihadistas perderam a vida e que entre dez a trinta por cento deixaram a zona de conflito. Estes últimos estão sendo chamados de "retornados".

Seu retorno e a ameaça potencial que representam são, para os seus países de origem, uma das principais preocupações das autoridades antiterroristas. As preocupações partem da possibilidade dos retornados causarem problemas ou não.

Essas preocupações legitimam a preocupação dos governantes com o retorno dos guerreiros estrangeiros jihadistas. Ao mesmo tempo, reações violentas a essas ameaças e incidentes são também motivos de preocupação.

Com base em informações disponíveis, foi possível estabelecer os destinos que podem ter os guerreiros estrangeiros, a partir da sua participação na empreitada jihadista. Com base nos dados obtidos, estudos distinguem oito destinos, opções ou caminhos possíveis para guerreiros estrangeiros após a luta.

Por vezes, a via pode ser o resultado de uma escolha racional entre diferentes opções. Em outros casos, há apenas algumas opções e os caminhos são decididos por pura coincidência de oportunidades.

O primeiro caminho ou opção é a morte, seja em combate, ou seja pela sua própria organização, porque eles querem voltar para casa ou porque eles criticaram a organização. A segunda opção ou resultado é permanecer no país, e tornar-se um cidadão comum ou residente e viver em paz. A terceira opção ou resultado é ficar no país e continuar executando atividades terroristas. A quarta opção é retornar para a casa, em outro país ocidental e reintegrar-se em uma vida pacífica. A quinta opção é retornar ao país de origem, país ocidental, e continuar envolvido em atividades terroristas. A sexta opção é viajar para um país não-ocidental e continuar comprometido com a Jihad global. A sétima opção é ir para um país não-ocidental e participar de atividades terroristas. A opção de número oito é viajar para um país não-ocidental e integrar-se.

3.6 *MODUS OPERANDIS* TERRORISTA RELIGIOSO

O EI controla grandes faixas do território sírio e iraquiano, aproximadamente do tamanho da Bélgica. Isto proporciona ao grupo uma vantagem estratégica significativa. Ela disponibiliza uma vasta área com liberdade de ação, dificultando sua neutralização em um só ponto ou área por parte de seus inimigos.

Através de atividades desenvolvidas nessas áreas, o EI tem acesso a um extraordinário nível de recursos financeiros e materiais. Um estudo da Reuters, publicado em outubro de 2014, estimou que o EI possui ativos em valores superiores à US\$ 2 trilhões com um resultado anual no montante de US\$ 2.9 bilhões. O grupo recolhe mais de US\$440 milhões na venda ilegal de combustíveis ao mês. Acresce-se a isso, a cobrança de taxas das minorias religiosas, caminhoneiros, fazendeiros, propriedades, como também estoques confiscados, venda de passaportes para *foreign fighters*, sequestros de civis para pagamento de resgates, saques de antiguidades, venda de mulheres e crianças como escravas sexuais etc.

O grupo também organiza eventos para recolhimento de doações de seus apoiadores nas áreas ocupadas e no exterior.

A internet é o aspecto mais importante da onda tecnológica terrorista (RAPOPORT – 2004) que ajuda a explicar o crescimento das ações de lobos solitários. A internet é a energia desta nova onda que continuamente revoluciona o modo como as informações são compartilhadas, processadas e difundidas; como as redes sociais são formadas e seus fluxos de comunicações; e como indivíduos, como os lobos solitários, podem tornar-se ameaças reais ao usar a internet para aprender sobre armas, alvos e técnicas para executar ataques terroristas.

A internet também fornece facilmente aos lobos solitários e às células terroristas meios para observar alvos potenciais e obter informações importantes para planejar e executar os ataques, como a obtenção de mapas detalhados de aeroportos e de instalações, horários de trens, voos e esboços interiores de aeronaves, contendo quantidades de passageiros a bordo e locais de assentos. Informações relevantes para planejamento de sequestro de aeronaves.

A internet não oferece somente meios para observação de alvos mas, também, pode ser um meio para atacar um alvo. O terrorista cibernético hoje é uma realidade, quando *hackers* usam a internet para causar rupturas nos funcionamento de sistemas do governo e de instituições e o caos subsequente, ou até mesmo lançando vírus nas redes para corromper, apagar ou alterar dados dos sistemas.

Apesar da internet ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, a desvantagem é que o seu conteúdo online pode ser inflamatório e inspirar indivíduos a agir de modo nunca antes por ele imaginado. Um blog ou uma página controlada por extremistas tem efeito catalizador em indivíduos psicologicamente vulneráveis, desequilibrados e outros e os mantém conectados de forma permanentemente isolada e anônima.

No esforço de atrair novos recrutas e consolidar sua posição, grupos terroristas empregam uma estratégia efetiva de propaganda em seus blog, tweets e páginas da web. Imagens chocantes de decapitações, incêndio de pessoas vivas, como a do piloto jordaniano, execução em massa de opositores e outras imagens terríveis são parte da estratégia. Mesmo que essas ações não estejam acontecendo nos dias recentes é possível que imagens anteriores sejam divulgadas em ataques futuros.

Na sequência do apelo do Estado Islâmico para ataques de base no final de setembro de 2014, observa-se o pico sem precedentes em tais ataques. Mas desde aquela época, o ritmo de ataques tenha retornado a um nível semelhante ao verificado no passado. Como previsto por alguns especialistas, bases jihadistas mudaram suas táticas longe de parcelas de bombardeio complicadas para assaltos armados simples que eles são mais capazes de realizar sem ajuda. (STRATFOR , 2010)

Para a maioria dos jihadistas que frequentam campos de treinamento criados pela Al Qaeda, pelo Estado Islâmico e por outros grupos jihadistas são ensinadas habilidades militares básicas, necessárias para lutar pela Jihad. Isso significa que eles são treinados para melhorar o condicionamento físico básico, aprendem lições de combate corpo-a-corpo e, principalmente, a operar equipamento militar básico, como fuzis de assalto, granadas de mão e, em alguns casos, armas coletivas, como metralhadoras e morteiros. Muito pouco jihadistas passam pela formação mais avançada, necessária para tornar-se um agente terrorista qualificado.

Em razão disso, a maioria dos jihadistas, mesmo aqueles que tenham viajado para lutar com grupos, como a Al Qaeda ou o Estado Islâmico, não detem habilidades para agir como terrorista sofisticado. A falta de militantes com tais habilidades muitas vezes faz com que ações jihadistas falhem ao executar ataques excessivamente ambiciosos ou tem seus agentes mais habilidosos presos nas operações dos serviços de segurança e inteligência tentando reunir-se a grupos já estabelecidos para fornecer ajuda.

Consequentemente, o movimento em direção a assaltos armados, usando apenas as habilidades militares básicas de conhecimento da maioria dos jihadistas é uma tendência lógica. Este tipo de ação também provou ser muito letal, na medida em que assaltos armados de fuzis continua resultando em mais mortes no Ocidente do que ações com explosivos nos últimos anos. Mesmo nas ações terroristas em que foram utilizados explosivos/bombas e fuzis de assalto, como os ataques de 13 de novembro, em Paris, o maior número de mortes resultaram de ferimentos de projéteis de fuzis do que os decorrentes de explosões.

Como reação o Estado Islâmico e Al Qaeda estão olhando para recrutar combatentes estrangeiros para voltar para casa para realizar ataques. Considerando que atualmente, dezenas de milhares de combatentes estão em lugares como Síria, Iraque, Líbia e Somália, será impossível para seus governos monitorar a

movimentação de todos eles. Sem dúvida, alguns combatentes vão conseguir voltar para casa com a intenção de realizar ataques terroristas, enquanto outros jihadistas vão permanecer em seus países e poderão executar seus próprios ataques.

4. ESTRATÉGIAS DE COMBATE

4.1 PRESSUPOSTOS

Nos dias atuais especialistas em segurança e representantes de serviços de inteligência afirmam que a proclamação do califado em junho de 2014 e a ampliação da ação militar do Estado Islâmico contra outros grupos de oposição na Síria e no Iraque são interpretadas pelo núcleo da Al-Qaeda como um desafio à sua pretensão de liderança do movimento jihadista internacional. Esta rivalidade aumentou a ameaça terrorista para o Ocidente, considerando que esses grupos podem pretender melhorar o seu perfil por meio de ataques cada vez mais espetaculares no Ocidente ou contra interesses dos estados ocidentais-alvo em outros países.

Afirmam eles, também, que a maior ameaça vem de jihadistas que retornam das áreas de conflito, ou de indivíduos e pequenos grupos radicalizados pela propaganda extremista digital.

Em resposta a essas ameaças à segurança internacional, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a resolução nº 2178, na qual expressa particular preocupação com o fato de que os combatentes terroristas estrangeiros estejam sendo recrutados e juntando-se a entidades como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante ("Islamic State in Iraq and the Levant" ou "ISIL"), a Frente Al-Nusra ("Al Nusra Front" ou "ANF"), reconhecendo que a ameaça representada por combatentes terroristas estrangeiros inclui, entre outros, indivíduos que apoiem atos ou atividades de qualquer um desses grupos, inclusive pelo recrutamento ou quaisquer outros atos ou atividades de apoio a tais entidades, e sublinha a necessidade urgente de enfrentar esta ameaça em particular. (ONU, 2014)

Essa resolução insta os Estados-Membros, incluindo o Brasil, a tomar medidas coerentes com o direito internacional para prevenir a radicalização e o recrutamento para atividades terroristas associadas com a Al-Qaeda e o Estado Islâmico. Apresenta, também, a necessidade de estabelecer um objetivo de longo prazo para uma possível proibição legal a respeito de grupos terroristas. Além dessas medidas governamentais, foi definida como essencial a resiliência das comunidades muçulmanas ao recrutamento, que será capaz de ajudar a evitar a influência de propaganda jihadista que age motivada pela violência da Jihad. Além

disto, as medidas de integração das comunidades muçulmanas nos países ocidentais estão fazendo uma contribuição fundamental ao evitar a marginalização e apoiar aqueles que trabalham para combater a radicalização.

Decorrente dessa situação, alguns países atualizaram suas estratégias de prevenção e combate ao terrorismo perpetrado por organizações ou radicais extremistas islâmicos.

Na comunidade de contraterrorismo, o esforço global contra extremismo violento conduziu a uma elevação do nível de alerta, aumento do número de investigações, de prisões e de interrogatórios. Como resultado, foram coletadas informações significativas sobre a Al Qaeda, de sua rede de afiliados, de suas práticas e metodologias para recrutamento. Isto proporciona vantagens e melhores informações e oportunidades para a execução de operações proativas.

Operações Proativas são intervenções preventivas estratégicas; é o melhor uso para recursos operacionais que respondem a alertas de ameaças e conduzem investigações após ataques. (NCIS, 2015).

O Medo do terrorismo tem sido associado a uma série de resultados comportamentais. Em vários estudos, níveis elevados do medo têm sido mostrados para induzir o favoritismo e a desconfiança intergrupo, a formulação de estereótipos de outros grupos, a preferência por líderes fortes e orientados para a ação e, uma necessidade de informação clara e inequívoca. Depois do 11 de setembro, o medo do terrorismo proporcionou o apoio ao presidente Bush, a suas políticas de segurança e afetou, negativamente, as percepções e atitudes dos americanos em relação aos imigrantes árabes e às pessoas que vivem no Oriente Médio.

Em suma, o medo do terrorismo provoca uma mudança no raciocínio dogmático, que caracteriza-se pelo discurso "nós contra eles", e a elaboração de um pensamento fundamentado em estereótipos, discriminação e desconfiança que contribui para tomada de reações adversas do sistema de defesa, no que diz respeito "eles podem fazer mais mal do que fazer o bem".

Tais respostas são automaticamente acionadas em face de ameaças existenciais, e elas manifestam-se não só entre o público em geral mas, também, entre os meios de comunicação e nos governos. A reação das autoridades administrativas frente a ameaças agudas é, frequentemente, um forte enfoque nas

medidas de segurança principalmente com respostas agressivas em relação aos inimigos percebidos, encorajadas por sensacional representação na mídia. O público, assustado e ansioso, semelhantemente, aprova e apoia, ou pelo menos entende, a necessidade de respostas políticas drásticas.

Como resultado, o medo do terrorismo produz uma necessidade de resposta imediata, tornando o governo, a mídia e o público susceptíveis a reações emocionais excessivas, que podem vir a minar a unidade social e política, correndo o risco de alimentar as tensões entre os membros da sociedade, ao invés de diminuir as reações negativas consequentes da barbárie. Desta forma podemos argumentar que a maneira como reagia ao terrorismo pode constituir-se num convite para ser aterrorizado novamente.

O conceito de resiliência tem suas raízes na psicologia, engenharia e ecologia, e transmite a capacidade de uma pessoa, um material ou biótopo para sobreviver a choques repentinos.

Em uma abordagem de combate ao terrorismo, a resiliência pode ser entendida como um fator de proteção que limita o impacto negativo do terrorismo nos indivíduos e na sociedade. Em outras palavras, um indivíduo ou sociedade resistente mostra sua capacidade de adaptar-se de forma proativa e de recuperar-se desses distúrbios que são percebidos dentro do sistema social, tornando-se menos susceptíveis aos distúrbios normais e esperados decorrentes de ações terroristas. De acordo com Fured (2007) a resiliência pode ser considerada uma contratendência em relação a narrativa dominante da vulnerabilidade em face ao terrorismo. Na verdade, aumentar a resiliência pública significaria assegurar que as comunidades, empresas e países têm a capacidade de suportar, de responder rapidamente, de recuperar-se e de adaptar-se a perturbações terroristas, em vez de serem apenas alvos vulneráveis.

De maneira nenhuma a resiliência ao terrorismo significa que indivíduos ou sociedades passam a ser insensíveis ao impacto psicológico de ataques violentos. Pelo contrário, significa que as sociedades têm de desenvolver a capacidade de avaliar e atribuir significado às ameaças, bem como de estabelecer um conjunto de estratégias de enfrentamento para recuperar-se de tais eventos traumáticos.

Sociedades que conseguem aumentar a resiliência ao terrorismo, tornarão muito mais difícil aos terroristas encontrar retorno perturbador ao seu esforço para realizar o ataque.

Enquanto pouquíssimas ações terroristas são ocasionalmente frustradas no último segundo, para a maioria dos especialistas em segurança, somente haverá alguma chance de neutralizar uma ação terrorista, se ela for detectada e interdita antes que ela chegue à fase de ataque. Uma vez que os tiros foram disparados ou o dispositivo explosivo foi detonado, não há o que as forças de segurança possam fazer, a não ser iniciar seus esforços para reduzir a contagem de corpos. Isto significa que a ênfase deve ser colocada na identificação de atacantes no início do processo, bem antes que eles estejam em uma posição de ataque.

A menos que as forças de segurança tenham uma fonte dentro do grupo que está planejando o ataque ou consigam interceptar as comunicações do grupo, a única forma de identificar planejadores de ataque é observando suas ações. Isto é extremamente importante no caso de um ataque conduzido por lobos solitários, quando não há comunicação do perpetrador com nenhum outro terrorista. O momento mais cedo no ciclo de ataque em que os agressores podem ser identificados por suas ações é durante a vigilância pré-operacional, quando é necessária a aproximação do alvo para a identificação de suas vulnerabilidades.

Há uma concepção amplamente difundida de que a vigilância terrorista é geralmente sofisticada e quase invisível, mas quando visto em retrospectiva, é frequentemente descoberto que os indivíduos que conduzem vigilância terrorista tendem a ser bastantes superficiais e até mesmo amadores em sua forma de vigiar. Sendo assim a vigilância terrorista é uma vulnerabilidade significativa no ciclo de ataque terrorista.

Como observado acima, a vigilância adicional é muitas vezes realizada nas últimas fases do ciclo de ataque, ou na fase de planejamento e ou na fase de ataque, a partir de um local conhecido próximo do alvo. Cada exemplo de vigilância fornece uma oportunidade adicional para os perpetradores serem identificados ou para realizar o ataque preventivo.

Durante a fase de planejamento e enquanto os perpetradores preparam-se para agir, a comunicação entre os membros do grupo muitas vezes aumenta. Além disso, os membros do grupo podem participar de treinamentos externos que podem atrair a atenção, como jogar *paintball*, visitando o campo de tiro ou, como foi o caso com os pilotos 9/11, frequentando escolas de voo. Este aumento na atividade, que também pode incluir transferências de dinheiro, deixam sinais de que poderiam alertar as autoridades.

Outra vulnerabilidade significativa durante o ciclo de ataque é a aquisição de armas. Esta vulnerabilidade é especialmente destacada quando se lida com perpetradores inexperientes, que tendem a aspirar a condução de ataques espetaculares que são muito além de suas capacidades. Por exemplo, eles podem decidir que querem realizar um ataque a bomba, embora eles não saibam como fazer dispositivos explosivos improvisados. Também não é incomum para tais indivíduos tentar adquirir armamento antiaéreo, armas de fogo automáticas ou granadas de mão. Quando confrontado por este fosso entre as capacidades e as suas aspirações, os perpetradores, muitas vezes, procuram estabelecer contatos para ajudar obter apoio no ataque, em vez de decidir por um ataque dentro de suas capacidades. Cada vez mais, estes pretensos perpetradores acabam estabelecendo contato com policiais ou informantes dos serviços de segurança.

Ataques terroristas são relativamente fáceis de serem conduzidos, quando executados contra alvos sem segurança (*SOFT TARGETS*) e se os perpetradores não estiverem preocupados em fugir ou sobreviver depois do ataque. Como os governos não têm condições de proteger tudo e todos, alguns ataques terroristas direcionados contra *soft targets*, invariavelmente, terão sucesso nas sociedades abertas do Ocidente.

4.2 ESTRATÉGIA MILITAR DOS EUA PARA COMBATE AO TERRORISMO

Os EUA, prosseguindo com sua Guerra ao Terror, atualizou sua Estratégia Militar Nacional, apresentando novas ameaças, como elas atuam e as estratégias para enfrentá-las.

“ As Organizações Extremistas Violentas (OEV) estão tirando proveito das tecnologias emergentes, bem como, o uso de ferramentas de informação para propagar ideologias destrutivas, recrutar e incitar a violência, e ampliar o poder percebido de seus movimentos. Eles anunciam suas ações para golpear o medo no adversário e gerar apoio para as suas causas. Eles usam dispositivos explosivos improvisados (IED), coletes suicidas e ferramentas cibernéticas adaptadas para espalhar o terror enquanto procuram recursos cada vez mais sofisticados, incluindo armas de destruição em massa.

As Organizações Extremistas Violentas (OEV) representam uma ameaça imediata para a segurança transregional. Suas ações provocam a sobreposição do uso da força estatal e da violência não-estatal, nas áreas de conflito, onde esses atores mesclam todos os tipos de técnicas,

capacidades e recursos para atingir os seus objetivos. Tais conflitos identificados como "híbridos" podem consistir de forças militares assumindo uma identidade não-estatal, como o que a Rússia fez na Criméia, ou envolver uma Organização Extremista Violenta - VEO empregando capacidades militares rudimentares, como ISIL demonstrou no Iraque e na Síria. (EUA, 2015)

O quadro abaixo representa a formas de emprego do uso da força nos conflitos atuais.

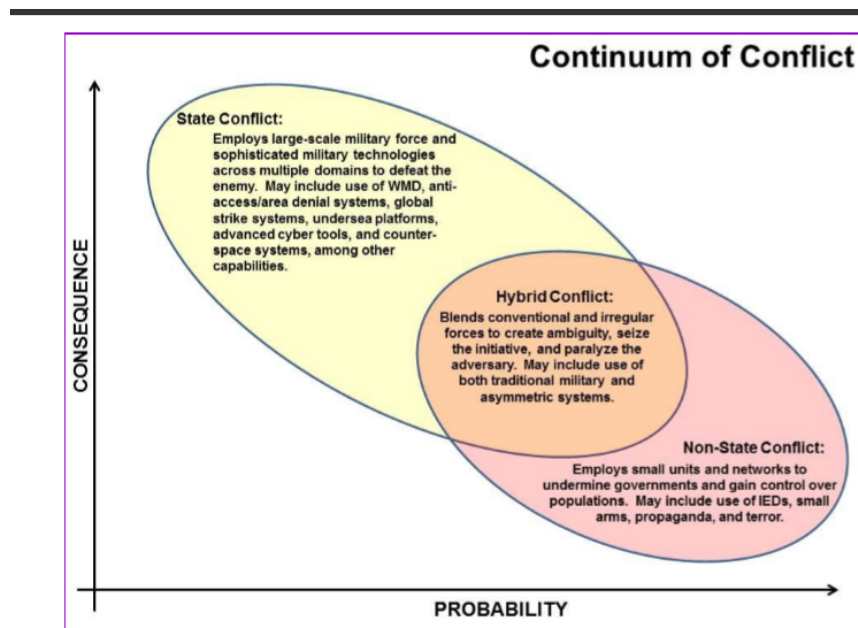


Figura 01 – Continuidade dos conflitos

Fonte: National Military Strategy (US, 2015)

A Estratégia Militar Nacional dos EUA apresenta, também, os Grupos Extremistas Violentos (OEV) como um importante desafio estatal e destaca que as lideranças da Al Qaeda e do autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e do Levante - ISIL, estão empenhados em minar a segurança transregional, especialmente no Oriente Médio e Norte da África. Tais grupos estão dedicados a radicalizar populações, espalhar violência e alavancar o terror para impor suas visões de organização social pelo Mundo. Ao mesmo tempo afirma, que em muitos locais, os OEV coexistem com organizações criminosas transnacionais, onde estes realizam o comércio ilícito, espalham a corrupção e minam ainda mais a segurança e a estabilidade locais". (EUA, 2015).

Visando garantir seus interesses nacionais, a Estratégia Militar Nacional dos EUA fornece uma abordagem integrada, composta por 03 (três) objetivos militares nacionais, a fim de neutralizar a ameaça apresentada pelas OEV:

- deter, negar, derrotar adversários estatais;
- perturbar, degradar e derrotar as OEV; e
- fortalecer sua rede global de aliados e parceiros.

Para cumprir com esses objetivos os Estados Unidos priorizam a prontidão de forças altamente preparadas e bem equipadas, inclusive para emprego em seu próprio território, o preparo de infraestruturas resilientes, o uso de um sistema inteligência em rede com fortes links de comunicação e estabelece no âmbito nacional um planejamento interagências e no âmbito internacional, uma ampla interoperabilidade com os aliados e parceiros.

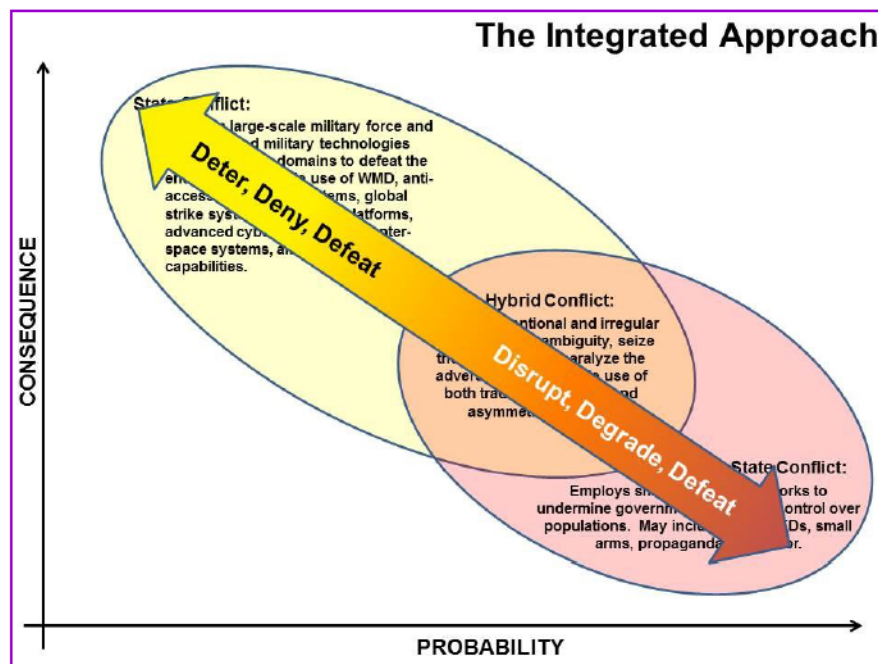


Figura 02 – Aproximação Integrada

Fonte: National Military Strategy (US, 2015)

A Estratégia Militar dos Estados Unidos estabelece, como a melhor maneira de combater a ameaça jihadista, a pressão sustentada, utilizando forças locais apoiadas por forças especializadas dos EUA e de parceiros membros de uma coalizão militar, além do emprego de meios de monitoramento, vigilância, ataque de

precisão, treinamento e apoio logístico. Operações de contraterrorismo, envolvendo esforços coordenados com outras agências norte-americanas, também, são conduzidas para deter e neutralizar as ameaças dirigidas aos EUA.

Para dar suporte às ações da Estratégia Militar Nacional Americana, a Estratégia Nacional de Inteligência Americana ratifica a natureza dinâmica e diversificada da ameaça terrorista como um desafio permanente aos EUA e aos seus interesses, exigindo ênfase na contínua obtenção, coleta e análise de dados. Na implementação dessas ações emprega toda a Comunidade de Inteligência no esforço nacional para proteger seu território de ataques terroristas; seja para dismantelar e degradar terroristas que ameaçam os interesses dos EUA no exterior; seja para combater a propagação do extremismo violento que influencia as ações terroristas; seja para dismantelar suas redes de apoio financeiro, bem como para desenvolver a capacidade de contraterrorismo em seu território e no exterior.

Em paralelo a essas ações e, juntamente com seus parceiros, buscam antecipar, detectar, negar, e desestabilizar a ameaça jihadista em qualquer lugar que ela se manifeste contra os interesses dos EUA.

4.3 ESTRATÉGIA DA OTAN PARA COMBATE AO TERRORISMO

A Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN para enfrentar o terrorismo, o definiu da seguinte forma:

“O terrorismo representa uma ameaça direta à segurança dos cidadãos dos países da OTAN e para a estabilidade e prosperidade internacional. É uma ameaça global persistente que não conhece fronteiras, nacionalidades ou religiões, e é um desafio que a comunidade internacional deve enfrentar em conjunto. O trabalho da OTAN na luta contra o terrorismo se concentra em melhorar a consciência da ameaça, o desenvolvimento de capacidades para preparar e responder, e reforçar o envolvimento com os países parceiros e outros atores internacionais.” (OTAN, 2015)

Em resposta a este posicionamento, a OTAN adotou as seguintes medidas:

- invocou a sua cláusula de defesa coletiva, artigo 5, o que somente havia feito, pela primeira e única vez, em resposta aos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 sobre os Estados Unidos;

- emitiu diretrizes políticas para concentrar os esforços da Aliança em 03 (três) áreas principais: prontidão, capacidades e engajamento para combater e para gerir as consequências de um ataque terrorista; e

- estabelecer parceira com países fora da aliança e organizações internacionais de modo alavancar o potencial de cada parte envolvida no esforço global de combate ao terrorismo.

Na sequência da adoção dessas diretrizes, um plano de ação para sua implementação foi desenvolvido, a partir dos princípios da conformidade da lei, apoio da OTAN aos aliados, não duplicidade e complementariedade dos esforços.

O plano da OTAN visa garantir o conhecimento comum da ameaça terrorista e de suas vulnerabilidades entre os Aliados por meio de consultas, do aumento da partilha de informações, da análise estratégica contínua e de avaliações integradas das autoridades nacionais.

Dentre as ações prioritárias de seu esforço, a OTAN vai aprimorar as capacidades relacionadas à segurança do espaço aéreo e das áreas marítimas, ao combate à proliferação de armas de destruição em massa, à proteção de infraestruturas críticas e de todas aquelas capacidades atinentes ao enfrentamento de ameaças assimétricas, a partir de sua experiência no Afeganistão.

Além disso, a OTAN vai esforçar-se para manter a sua capacidade operacional e para capitalizar as lições aprendidas em operações, incluindo a experiência adquirida por meio de suas Forças de Operações Especiais.

No desenvolvimento das ações de engajamento, a organização continuará a colaborar com os países parceiros e outros atores internacionais na luta contra o terrorismo. A Aliança vai reforçar o seu alcance e a sua cooperação com os países parceiros, e com as organizações regionais e internacionais, nomeadamente a União Europeia - UE, a Organização para Segurança e Cooperação Europeia - OSCE e a Organização das Nações Unidas - ONU.

No que diz respeito ao engajamento com países parceiros a OTAN irá melhorar as consultas e assegurar uma abordagem mais sistemática e prática para com seus parceiros, utilizando os mecanismos existentes, como a cooperação científica na busca da inovação tecnológica para maior segurança. Particular ênfase será dada na sensibilização para o planejamento civil de emergências e gestão de crises, a fim de responder às necessidades específicas dos países parceiros e interesses afins. Isto irá aprimorar a preparação e proteção dos países parceiros,

assim como a identificação de suas vulnerabilidades, de modo a combater o terrorismo de forma mais efetiva. O treinamento e o apoio para capacitação em ações contraterrorismo serão, igualmente, objetivos e prioridades na política da OTAN no estabelecimento de suas parcerias.

Para gerir as consequências de um ataque terrorista, a última das ações prioritárias, a OTAN estabeleceu 02 (dois) desafios distintos, ambos relacionados à resiliência. Em primeiro lugar, garantir que a Aliança possa, rapidamente, desdobrar todas as forças e os equipamentos necessários para qualquer parte, visando enfrentar uma ameaça iminente ou um ataque, garantindo o acesso pleno e, sem entraves, a todas as estruturas que precise para esse fim. Em segundo lugar, ser capaz de prever, identificar, mitigar e recuperar-se de ataques híbridos com impacto negativo, de modo que seus efeitos sejam mínimos sobre a coesão social, política e militar da Aliança.

Os sete requisitos básicos a serem avaliados para consecução da resiliência pelos estados-membros da OTAN são:

- 1) assegurar a continuidade do governo e serviços públicos essenciais;
- 2) garantir o fornecimento de energia;
- 3) gerenciar eficazmente o movimento descontrolado de pessoas;
- 4) garantir acesso e distribuição de alimentos e recursos hídricos;
- 5) prover o atendimento de vítimas em massa;
- 6) dispor de sistemas de comunicações resilientes; e
- 7) dispor de sistemas de transporte resilientes.

4.4 ESTRATÉGIA DO REINO UNIDO PARA COMBATE AO TERRORISMO

O objetivo da estratégia de contraterrorismo do governo do Reino Unido é reduzir o risco do terrorismo internacional, de modo que os britânicos possam viver suas vidas livremente e com confiança.

Manter o Reino Unido e seu povo seguro é a primeira prioridade do Governo britânico.

O terrorismo não é novo para o Reino Unido. O país viveu a ameaça terrorista doméstica do IRA - Irish Republican Army, uma dissidência do Partido Republicano Irlandês nas últimas décadas do século 20. Mas a ameaça mais grave que enfrentam hoje é a do terrorismo internacional.

Desde 2003, o Reino Unido tinha uma estratégia abrangente para combater o terrorismo internacional. Em março de 2009, o governo britânico publicou a primeira grande revisão dessa estratégia.

A ameaça terrorista atual é mais grave que no tempo do IRA para o Reino Unido considerando que: cidadãos britânicos, aliciados pela Al Qaeda, foram os responsáveis pelos atentados bem sucedidos, de 7 de julho, em Londres, no qual 52 pessoas foram assassinadas; cidadãos britânicos continuam a viajar para o exterior à procura de treinamento pelos grupos terroristas; em resposta às ações repressivas do governo britânico, os terroristas procuram contra-atacar o Reino Unido, permanentemente, o que significa que um ataque é altamente provável e pode acontecer a qualquer momento sem aviso prévio.

A estratégia britânica envolve milhares de pessoas - policiais e agentes de inteligência, os serviços de emergência, autoridades locais, empresas, organizações voluntárias e comunitárias, governos e outros parceiros - que trabalham em conjunto por todo o Reino Unido e do mundo para proteger a sociedade britânica.

A estratégia tem 04 (quatro) elementos-chave:

- 1) Perseguir para parar os ataques terroristas.
- 2) Prevenir para impedir as pessoas de tornarem-se terroristas ou apoiar o extremismo violento.
- 3) Proteger para fortalecer a proteção contra ataques terroristas
- 4) Preparar para mitigar o seu impacto, quando e onde um ataque não puder ser interrompido.

Essas 04 (quatro) áreas de trabalho complementam e reforçam-se mutuamente para reduzir a ameaça terrorista no Reino Unido e em seus interesses no exterior.

A estratégia inclui ações nos níveis internacional, nacional e local. Avalia a ameaça terrorista, os riscos e os desafios enfrentados em um estado de constante mudança e, em consequência, as lições aprendidas devem ser atualizadas permanentemente.

Ela fornece um contexto novo, ao descrever a história recente da ameaça terrorista internacional. Identifica as áreas de conflito não resolvido no mundo e os Estados falidos e frágeis com as origens subjacentes criadoras e mantenedoras do terrorismo; a utilização de novas tecnologias pelos terroristas; a ideologia por trás do

extremismo violento; e o processo de radicalização que convence algumas pessoas a apoiar ou realizar atos terroristas.

Ao mesmo tempo cria programas abrangentes de ação, no País e no exterior, para combater os sintomas e as causas do terrorismo. Indica como novos recursos legais e técnicas serão utilizadas para interromper as operações terroristas planejadas contra o País e processar e responsabilizar os responsáveis.

Desenvolve nova ação para neutralizar as ações de recrutamento, visando impedir que jovens sejam alvos dessa ideologia extremista. Esta ação baseia-se em uma nova e mais profunda compreensão de como os indivíduos tornam-se radicalizados.

Fortalece a proteção de alvos terroristas, incluindo meios de transporte e serviços essenciais. Inclui tarefas para neutralizar ou mitigar ataques terroristas com uso de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares.

Garante que a ação do Reino Unido esteja coordenada cuidadosamente com o esforço internacional, com a finalidade de maximizar o impacto na luta contra a ameaça terrorista. Envolve uma vasta gama de pessoas e recursos como nunca antes reunidos, garantindo que todos estejam trabalhando em conjunto para combater a ameaça.

Os princípios e valores que formam a base da sociedade britânica, os direitos e as liberdades individuais, estão no centro da estratégia britânica contra o terrorismo.

Destaca que o terrorismo ameaça alguns dos direitos fundamentais, incluindo o mais importante direito humano - o direito à vida.

Proteger a vida do povo britânico é definido como a tarefa mais importante da estratégia. Seu objetivo é permitir que as pessoas vivam normalmente, livre do medo.

Colocam o respeito aos direitos humanos no centro da resposta à ameaça terrorista e objetiva garantir que a resposta seja proporcional, justa e eficaz. Para cumprir com estas garantias, sempre que necessário, serão implementadas salvaguardas e supervisões robustas, independentes e monitoradas.

Para interromper ataques terroristas, a prioridade da estratégia britânica é neutralizar as atividades dos terroristas e impedi-los de realizar ataques que ameaçam a vida das pessoas no Reino Unido. Nesta ação participam milhares de policiais dedicados, trabalhando em estreita colaboração com as agências de

segurança e de inteligência nas investigações para identificar os planos de ataque e levar os responsáveis à justiça. As investigações buscam permitir processar as pessoas envolvidas nas ações extremistas violentas através do sistema de justiça criminal. Em uma pequena minoria dos casos, quando não puder processar indivíduos que representam uma ameaça ao País, o governo afirma que usará outros poderes legais para colocar restrições sobre as suas atividades, objetivando deportar estrangeiros que representam um perigo público.

Impedir as pessoas de tornarem-se terroristas ou apoiar o extremismo violento é apresentada como a melhor solução, a longo prazo, para prevenir o terrorismo. Proteger as pessoas vulneráveis que podem ser atraídas pela ideologia da violência é descrita não como uma tarefa exclusiva da polícia, mas também dos governos locais, das escolas, das universidades, das comunidades locais e de todos que entrarem em contato com eles.

A nova estratégia pretende proteger o Reino Unido, através do reforço de suas defesas, considerando que os terroristas pretendem atacar alvos de alto perfil, onde podem ter o máximo impacto e fazer com que o número de vítimas seja o maior possível. Conduzirá ações para proteger estas infraestruturas críticas nacionais, melhorando significativamente a proteção dos serviços essenciais, tais como serviços de emergência, energia, água, TI, telecomunicações e transportes; e os lugares com grandes concentrações de pessoas, como arenas desportivas e centros comerciais

A segurança das fronteiras será aprimorada com uso de novas tecnologias, como visto biométrico e programas de rastreamento.

A preparação para responder a um ataque com o intuito de diminuir seu impacto e minimizar seus efeitos faz parte da estratégia britânica de aprimorar a resiliência do Estado e da sociedade. Para isso cada região do País deve ter seu plano de contingência para responder a um ataque terrorista, inclusive a proteção química, biológica, radiológica e nuclear - QBRN e realizar treinamentos, principalmente naqueles ambientes em que haja grandes concentrações de pessoas.

5. DOCTRINA MILITAR TERRESTRE E O COMBATE AO TERRORISMO

A Doutrina Militar Terrestre - DMT é o conjunto de valores, fundamentos, conceitos, concepções, táticas, técnicas, normas e procedimentos da F Ter, estabelecido com a finalidade de orientar a Força no preparo de seus meios, considerando o modo de emprego mais provável, em operações terrestres e conjuntas. (BRASIL, 2014)

A recente Doutrina Militar Terrestre apresenta as novas capacidades da Força Terrestre (F Ter) decorrentes da análise estratégica, de cenários prospectivos e das novas ameaças e desafios a serem enfrentados. Esta nova Doutrina foi atualizada em consequência da publicação da Política Nacional de Defesa (PND) e as publicações subsequentes a ela, como o Livro Branco de Defesa, Estratégia Militar de Defesa (EMD) e a Doutrina Militar de Defesa (DMD), que orientam especificamente as condicionantes doutrinárias e as capacidades a serem aprimoradas ou desenvolvidas pelas forças armadas, entre elas o Exército Brasileiro, para atuar no panorama futuro de riscos e incertezas amplas.

Essas ameaças concretas exigem dos Estados a geração de capacidades para o emprego conjunto. São elas; o combate ao terrorismo; a proteção da sociedade contra as armas de destruição em massa; a participação em missões de manutenção e/ou imposição da paz sob a égide de organismos internacionais; e o controle de contingentes populacionais ou de recursos escassos (energia, água ou alimentos).

A nova publicação indica a premente necessidade de uma Força Terrestre da Era do Conhecimento. Esta Força deve ser dotada de armamentos e de equipamentos com tecnologia agregada, sustentada por uma doutrina em constante evolução, integrada por recursos humanos altamente treinados e motivados. Para isso, baseia sua organização em estruturas com as características de flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade, que permitem alcançar resultados decisivos nas Operações no Amplo Espectro, com prontidão operativa, e com capacidade de emprego do poder militar de forma gradual e proporcional à ameaça.

Para desenvolver capacidades da Era do Conhecimento a DMT apresenta as bases para transformação da Força Terrestre. Nesta transformação estão incorporados os conceitos próprios dos conflitos contemporâneos, tais como: espaço

de batalha não linear e multidimensional, operações conjuntas, integradas, sincronizadas e simultâneas no amplo espectro e em ambiente interagências, maior proteção individual e coletiva, minimização de danos colaterais sobre as populações e meio ambiente, o caráter difuso das ameaças, a importância da informação, as novas tecnologias, o espaço cibernético, dentre outros.

O marco legal da DMT estabelece que as forças do componente terrestre devem estar aptas a conduzir Operações no Amplo Espectro, combinando atitudes, simultânea ou sucessivamente, em operações ofensivas, defensivas, de pacificação e de apoio a órgãos governamentais, tudo isso em um ambiente conjunto e interagências e, por vezes, multinacional, seja num cenário de Guerra ou Não-Guerra.

Não-Guerra é um novo conceito, em que o Poder Nacional, com predominância da Expressão Militar, é empregado sem implicar em ações de efetivo combate, exceto em circunstâncias especiais, onde o poder de combate é usado de forma limitada, em situação de normalidade institucional ou não, na garantia dos poderes constitucionais, garantia da lei e da ordem, prevenção de ameaças, gerenciamento de crise e na solução de conflitos.

Toda esta Doutrina está em consonância com o específico ordenamento jurídico (BRASIL, 2001) amplamente conhecido pelos militares, autoridades e servidores dos 03 poderes da República como pela sociedade. Esta afirmação se dá a partir das ocorrências de emprego das FA nas operações de garantia da lei e da ordem (Op GLO), amplamente utilizadas nas situações de apoio aos órgãos de segurança pública, mediante solicitação de inúmeros estados da federação, bem como nas participações efetivas do planejamento do preparo e da execução da segurança dos grandes eventos realizados no Brasil nos últimos anos, entre eles Jogos Mundiais Militares, Rio+20, Encontro Mundial da Juventude, Copa das Confederações, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

Acresce-se a essas experiências de realização de operações interagências com a participação de elementos operacionais da Defesa, Segurança Pública e outros órgãos dos governos federais, estaduais e municipais, nas operações na faixa de fronteira, onde as Forças Armadas, também, possuem respaldo legal específico e permanente para executar as ações tipo polícia, no enfrentamento dos crimes transnacionais.

Seja nas operações nas grandes capitais dos estados da federação, seja nos longínquos rincões da faixa de fronteira, estas operações são permeadas por ações e operações de inteligência, com atuação de representantes de grande parte do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN), inclusive do Sistema de Inteligência do Exército, executando ações com emprego de elementos operacionais convencionais e não convencionais, as Forças de Operações Especiais – FOpEsp, além de ações de apoio logístico e de comando e controle.

Nessas operações, as novas capacidades identificadas pela DMT, como aquelas já identificadas como necessárias para a transformação da F Ter, já são experimentadas para aprimoramento e avaliação de sua efetividade.

Diferente de outros momentos de emprego da F Ter, dentro do território nacional, como no início das Op GLO na década de 90, o emprego da FT, a partir do início deste século, abrange uma maior parte do território nacional e um maior número de estados da federação, ao mesmo tempo em que possui um maior período de duração, como podem ser observados nos períodos de permanência das Forças Armadas nas operações de GLO no estado do Rio de Janeiro, durante as operações no Morro do Alemão e na favela da Maré.

Os efetivos das tropas empregados, também, são destaques quando se trata da execução da segurança nos Grandes Eventos com a coordenação de Grandes Comandos Operacionais nas cidades - sedes dos jogos. Nestas situações a permanência das tropas em operação nos 07 estados da federação durou quase 30 dias. Dentre as forças empregadas, destacam-se aquelas que agregam as capacidades vocacionadas ao enfrentamento das novas ameaças existentes no amplo espectro de conflitos e crises da atualidade, entre elas o terrorismo. Nestas situações de emprego estas forças conduzem operações especiais, ações de defesa química, biológica, radiológica e nuclear - QBRN, ações contra explosivos improvisados e de Defesa Cibernética.

Com a nova doutrina militar terrestre e as novas missões demandadas pelo Governo Federal às Forças Armadas, pode-se identificar o desenvolvimento das capacidades da FTer para operar de forma combinada (multinacionais), conjunta e interagências e de executar ações de inteligência, que são identificadas no compartilhamento de dados entre as respectivas agências nacionais e estrangeiras, no uso de plataformas de monitoramento, vigilância e reconhecimento com apoio da Força Aérea e do

Departamento de Polícia Federal (DPF), bem como na cooperação para o monitoramento do espectro eletromagnético e cibernético pelos órgãos federais de inteligência, sejam eles de defesa ou de segurança pública (ABIN, 2016).

Especificamente para o enfrentamento da ameaça terrorista na segurança dos grandes eventos estruturas e capacidades da FTer existentes podem ter um papel relevante no esforço do Estado Brasileiro com vistas a produzir ações efetivas na prevenção desta ameaça. São elas o Sistema de Inteligência do Exército (SIEEx) e o Comando de Operações Especiais (ABIN, 2016). O SIEEx pode cooperar com o esforço de inteligência do Estado Brasileiro na execução de ações preventivas (levantamento, identificação e monitoramento de alvos) em cooperação com a Agência Brasileira de Inteligência (DCT-ABIN) e com o Departamento de Polícia Federal (DAT-DPF), quando necessário. O Comando de Operações Especiais (COpEsp), como integrante, também, do SIEEx, pode participar do desenvolvimento das operações de inteligência, mas tem papel destacado na neutralização das ameaças, quando necessário, considerando sua capacidade de mitigar os danos colaterais e o uso controlado da força letal. Estas ações em força na fase preventiva do combate ao terrorismo são denominadas ações proativas.

6 CONCLUSÃO

Dentre os novos conceitos apresentados na nova Doutrina Militar Terrestre o conceito de Não Guerra formaliza, doutrinariamente, o cenário em que desenvolve as operações de garantia da lei e da ordem na qual as Forças Armadas brasileiras e, principalmente a Força Terrestre do Exército Brasileiro, possui uma expertise diferenciada frente ao demais exércitos do mundo. Sua experiência em operações desta natureza seja nas grandes cidades ou na faixa de fronteira permite afirmar que o Exército Brasileiro possui a competência e a capacidade para enfrentar ameaças inseridas neste cenário mutante dos dias atuais.

Nos planejamento e na execução da segurança dos grandes eventos as Forças Armadas já têm sido empregadas em vários estados da federação por longos períodos de tempo, por mais de 30 dias, na defesa cibernética, na defesa da infraestruturas críticas (sistema de transporte, energia, abastecimento de água, etc) e na coordenação de operações de contraterrorismo, nas quais as forças de operações especiais das 03 Forças Singulares são empregadas de forma combinada e interagência com as agências federais e estaduais, mesclando as competências dos vetores de planejamento, Segurança e Defesa, incumbidos respectivamente ao Ministério da Justiça e ao Ministério da Defesa.

Como observado nos capítulos iniciais deste trabalho, o perfil, as características e os *modus operandis* da ameaça terrorista delineada pelo jihadismo islâmico exige do estado ameaçado um esforço incomum para prover à sua sociedade a segurança necessária para prevenir, mitigar ou gerenciar da melhor forma possível, a execução de um ataque terrorista perpetrado pelo extremismo religioso atual.

As estratégias empregadas pelos Estados Unidos, Inglaterra e pela OTAN são planejadas e estão sendo executadas a partir da definição de um cenário prospectivo e da análise da ameaça terrorista, a qual estes países estavam e permanecem vulneráveis em maior ou menor intensidade. Do mesmo modo a Doutrina Militar Terrestre definiu suas vulnerabilidades e as capacidades necessárias para o enfrentamento das ameaças visualizadas, dentre as quais insere-se , também, o terrorismo. Apesar do território brasileiro não ter sido palco de ataques terroristas, até o momento, e, em consequência as Forças Armadas, ainda, não serem empregadas no seu enfrentamento direto ou na sua mitigação, o planejamento e o desdobramento das forças de contingência, adjudicadas para

emprego, já ocorrem de forma dissuasória e preventiva em cumprimento aos decretos presidenciais emitidos pelo Presidente da República, o Comandante Supremo das Forças Armadas.

A realização de grandes eventos no Brasil, notadamente os Jogos Olímpicos, motivou e impulsionou o Estado Brasileiro a aprovar uma legislação específica para se contrapor ao terrorismo, a Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016. Esta lei regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista. Proporcionando o arcabouço jurídico mais apropriado para o enfrentamento da ameaça pelas forças de segurança, e de defesa na medida em que esta ameaça pode provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública como vimos em sua definição apresentada na nova lei.

‘Art. 2º O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública.’ (BRASIL, 2016)

É a partir dessa possibilidade, que as Forças Armadas podem cooperar com as forças de segurança pública, federal e estadual, na manutenção da ordem pública ou para, por termo, a grave comprometimento da ordem pública, como explicitado na Constituição Federal de 1988, em resposta à iminente ocorrência ou da ocorrência propriamente dita.

‘Art. 34. A União não intervirá nos Estados nem no Distrito Federal, exceto para:

[...]

III - pôr termo a grave comprometimento da ordem pública;’.(BRASIL, 1988)

Na apresentação das estratégias para enfrentamento da ameaça terrorista, os órgãos de segurança do Estado definem uma alta prioridade no planejamento e na execução das ações preventivas, onde o esforço do sistema de inteligência é o ponto focal e o mais complexo a ser conduzido. O modo como os ataques terroristas são planejados e executados, atualmente, por meio de lobos solitários ou por grupos motivados pela ideologia extremista, sejam eles experientes ou não, requerem do Estado o máximo possível do sistema de inteligência nacional.

A nova Política Nacional de Inteligência, também , reafirma que o terrorismo é uma ameaça à paz e à segurança nacionais e que a prevenção e o combate a ações

terroristas e a seu financiamento, [...] somente serão possíveis se realizados de forma coordenada e compartilhada entre os serviços de Inteligência nacionais e internacionais e, em âmbito interno, em parceria com os demais órgãos envolvidos nas áreas de defesa e segurança. (BRASIL, 2016).

A capacidade das forças de segurança do Estado em conduzir operações de inteligência em larga escala tem um papel relevante na estratégia de prevenção de ataques terroristas durante sua fase de organização, planejamento e preparação.

Ao considerar a amplitude e capilaridade do SIEx, no território nacional e no exterior, bem como sua confiabilidade junto aos demais integrantes do SISBIN, junto à sociedade brasileira e junto aos exércitos de países do entorno estratégico, assim como da América do Norte, Europa, Oriente Médio entre outros, podemos constatar que sua participação pode contribuir de modo significativo com o esforço de inteligência do Estado Brasileiro na fase preventiva do combate à ameaça terrorista.

O planejamento e a execução de operações de inteligência enquadradas no escopo de combate ao terrorismo pelos órgãos integrantes do SISBIN, incluídos nele o SIEx, podem ter uma impulsão significativa com a recente aprovação da Política Nacional de Inteligência, pelo Governo Federal em 2016 e da Lei Antiterrorismo, no mesmo ano, pelo Congresso Nacional.

As condicionantes de tempo, de espaço, da natureza e de objetivos dessas ações podem definir em que medida este esforço terá sua organização (interagências, conjunta, federal, estadual) e sua capacidade (letal ou não letal).

Acredita-se que as Forças Armadas, em particular o Exército Brasileiro, podem liderar o esforço de inteligência do Estado Brasileiro para garantir, mais uma vez, a segurança da nossa nação, considerando que o SISBIN tem suas origens na Inteligência Militar Brasileira e esta possui a tradição e o respeito de todos os integrantes do SISBIN e a confiabilidade dos serviços de inteligência militar estrangeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAS, Tahir Islamic **Political Radicalism: A European Perspective**; Edinburgh University, 2007.

ABIN, **Jogos Olímpicos, 2016**. Disponível em: <http://www.abin.gov.br/grandes-eventos/olimpiadas-rio-2016/> . Acesso em: 10 abr. 2016

ABIN, **Plano Estratégico de Segurança Integrada, 2016**. Disponível em : <http://www.abin.gov.br/grandes-eventos/olimpiadas-rio-2016/plano-estrategico-de-seguranca-integrada-pesi/>. Acesso em: 10 abr. 2016

ABIN, **Fontes de ameaças, 2016**. Disponível em: <http://www.abin.gov.br/atuacao/fontes-de-ameacas/terrorismo/>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ADLER, R. & RODMAN, G. **Understanding human communication- 8th Edition**. New York: Oxford University Press. 2002

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2001

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT, **Informação e Documentação de Trabalhos Acadêmicos - Apresentação**; NBR 14724. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

BAKKER, Edwin. **Preventing Lone Wolf Terrorism: some CT Approaches Addressed. Perspectives on Terrorism - 2011**. International Centre for Counter Terrorism.

BERWICK, Andrew. **A European Declaration of Independence**, London, 2011, p. 844.

BORUM, R. & Gelles, M. **Al-Qaeda's operational evolution: behavioral and organizational perspectives**. Behavioral Sciences & the Law, 23(4), 467-483. 2005

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1998: atualizada até a Emenda Constitucional nº 54 de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03t/constituicao>. Acesso em: 19 fev. 2016.

_____. **Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016**. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização

terrorista; e altera as Leis nºs 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13260.htm. Acesso em 14 fev 2016.

_____. Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Formatação de trabalhos acadêmicos**. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

_____. Exército. EME. **Doutrina Militar Terrestre**. Brasília, DF, 2014,

_____. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**, 2012. Disponível em: < <http://www.dji.com.br/decretos/2005-005484/2012-005484.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**, 2011. Disponível em: < <http://www.dji.com.br/decretos/2005-005484/2012-005484.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2016

_____. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**, 2012. Disponível em: < <http://www.dji.com.br/decretos/2005-005484/2012-005484.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

_____. Casa Civil. Presidência da República. **Decreto nº 8.530, 28 set 2015**. Dispõe sobre a execução, no território nacional, da Resolução 2178 (2014), de 24 de setembro de 2014, do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que trata de combatentes terroristas estrangeiros. Disponível em :> http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8530.htm>. Acesso em: 08 abr 2016.

_____. Congresso Nacional. **Resolução nº 2, de 2013-CN**. Dispõe sobre a Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência (CCAI), comissão permanente do Congresso Nacional, órgão de controle e fiscalização externos da atividade de inteligência, previsto no art. 6º da Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999. Disponível em :> <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescon/2013/resolucao-2-22-novembro-2013-777449-norma-pl.html> >. Acesso em: 08 mar 2016.

_____. **Decreto nº 3897, de 24 ago 2001**. Fixa as diretrizes para o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, e dá outras providências. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3897.htm. Acesso em 27 fev 2016.

_____. **Decreto nº 8.793, de 29 de junho de 2016**. Fixa a Política Nacional de Inteligência. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8793.htm. Acesso em 01 de julho de 2016.

BORUM, R. Psychology of terrorism. Tampa, FL: University of South Florida., 2004 .
Disponível em : www.ncjrs.org/pdffiles1/nij/grants/208552.pdf.

BORUM, R. & GELLES, M. Al-Qaeda's operational evolution: behavioral and organizational perspectives. Behavioral Sciences & the Law, 2005.

BURTON E STEWART, Scott Stewart and Fred Burton, **'The Lone Wolf Disconnect'**, 30 January 2008, Stratfor, Cf: http://www.stratfor.com/weekly/lone_wolf_disconnect.

COHEN, D. **A matter of fate: The concept of fate in the Arab world as reflected in modern Arabic literature**. New York: Oxford University Press. 2001

COT/TTSRL. **Lone-Wolf Terrorism, Transnational Terrorism Security and the Rule of Law**, July 2007. Disponível em : <http://www.transnationalterrorism.eu/tekst/publications/Lone-Wolf%20Terrorism.pdf>, p. 13.

FURED, FRANCK. **The only thing we have to fear is the 'culture of fear' itself**, 2007. Disponível em: <http://frankfuredi.com/pdf/fearessay-20070404.pdf>. Acesso em 30 jan 2016

GORKA, Sebastian. **Understanding History's Seven Stages of Jihad**. Combating Counterterrorism Center at Westpoint; October, 2009.

HAMM, Mark S. **In Bad Company, America's Terrorist Underground**, Northeastern University Press, 2002.

HEIDI, L. Van Der . **'Individual Terrorism: Indicators of Lone Operators'**, 30 August 2011. Disponível em : <http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2011-0902-02354/MA%20Thesis%20Liesbeth%20van%20der%20Heide.pdf> p.24.

INTEGRATED THREAT ASSESSMENT CENTER. "Lone-Wolf Attacks: A Developing Islamist Extremist Strategy?", 29 June 2007. Disponível em: http://www.nefafoundation.org/miscellaneous/FeaturedDocs/ITAC_lonewolves_062007.pdf

LEWIS, B . The Crisis of Islam: holy war and unholy terror. New York. Modern Library. 2003.

JIMENEZ, M.. New Muslims after September 11, 2001. The National Post, 19 janeiro de 2002.

MALET, D. Foreign Fighters: Transnational Identity in Civil Conflicts. New York: Oxford University Press, 2013.

MARTHA, Crenshaw. **Terrorism reserch: The Record**. International Interactions – 2014.

MATSUMOTO, D. **The Handbook of Culture & Psychology**. New York: Oxford University Press. 2001.

Malet, David. **Foreign Fighters. Transnational Identity in Civil Conflicts**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NATO - **Countering terrorism**, 03 dez 2015. Disponível em < http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_77646.htm > . Acesso em 08 abr 2016.

Naval Criminal Investigation Service - NCIS. **The Fundamentals of Islamic Extremism: Psychological Considerations for Developing & Managing Counterterrorism Sources** , Prepared for the FBI's National Joint Terrorism Task Force, 2014

NYDELL, M. **Understanding Arabs: A Guide for Westerners**. Yarmouth, ME: Intercultural Press. 1996

OXFORD. **Dictionary**, 2016. Disponível em : http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/jihad. Acesso em 08 abr 2016.

PATAI, R. **The Arab Mind**. Long Island City, NY: Hatherleigh Press, 2002

PREBBLE Q. Ramswell. **The Utilization and Leveraging of Grievance as a Recruitment Tool and Justification for Terroristic Acts Committed by Islamic Extremists**. Small Wars Journal – 2014. Disponível em : <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-utilization-and-leveraging-of-grievance-as-a-recruitment-tool-and-justification-for-ter> Acesso em 08 abr 2015.

RAPOPORT, DAVID C. **The four waves of modern terrorism, in attacking terrorism: Elements of a Grand strategy**, ed Audrey Kurth Cronin and James M Ludes, (Washington DC: Georgetown University Press, 2004, pp46-73

SAGEMAN, M. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

STERN, J. and BERGER, J.M. **ISIS: The State of Terror**. New York: HarperCollins, 2015.

STRATFOR – 2010, **Gauging the Jihadist Movement in 2016: Grassroots Terrorism**. Disponível em : <https://www.stratfor.com/weekly/gauging-jihadist-movement-2016-grassroots-terrorism>. Acesso em 29 jun2016.

TAJFEL, H., & Turner, J. C. **The social identity theory of intergroup behaviour**. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago: Nelson-Hall. 1986

TALEB, N. N.. **Foiled. The Hidden Role of Chance in Life and in the Markets**. New York: Random House, 2005.

TAJFEL, H., & Turner, J. C. **The social identity theory of intergroup behaviour**. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago: Nelson-Hall, 19986

TRIANDIS, H. **Individualism and collectivism**. Boulder, CO: Westview Press. 1995.

UNITED KINGDOM GOV. **Counter-Extremism Strategy**, 2015. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/counter-extremism-strategy>. Acesso em: 01 abr. 2016.

WRIGHT, Lawrence. **'The Master Plan'**. The New Yorker, 11 September 2006. Disponível em : http://www.newyorker.com/archive/2006/09/11/060911fa_fact3?printable=true#ixzz1f7mqzvZe.